

(DIA 18) ROUBARAM
O CAE PELA 4ª VEZ!

Porandubas

DOM HÉLDER
HONORIS
CAUSA:
4/3/82



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano V DEZEMBRO/81 Sala de Comunicação



ÉÉ RENÉ
J. Landis

Edição de Fim-de-Feira: Humor,
Contos, Teatro, Notícias Mil!

editorial

Pernas
Pro
Ar...

O tempo, qual ladrão, rodou num instante nas voltas do nosso coração. "Como 1981 voou!", comenta-se a todo instante. Sorte nossa: já imaginou depressão, inflação, desemprego, enfarte, Riocentro, tudo isso andando devagar? Seria uma tortura chinesa... Tempo ruim tem mais é que andar depressa. Isola!

Mas muita coisa boa ficou. Nesse tempo de férias (... relativas porque no caso dos professores, muitos descansam quebrando pedra) é bom aproveitar para costurar os retalhos a que nosso cotidiano geralmente é reduzido. Tempo de parada para se fazer perguntas incômodas mas necessárias: "estou contente com a profissão escolhida? Nossa entidade realizou algo sólido ou apenas fez barulho? Estou amando loucamente ou serenamente? Minha pesquisa tem relevância para além do jardim?"

Tempo de vitória, especialmente para você que vai se formar. Nossos parabéns aos novos profissionais: fica o convite para aparecerem sempre. Sua vida intelectual não termina com o curso, certo?

Enfim, e sobretudo: que os próximos meses sejam realmente tempo de descanso, de festa, de Natal e Carnaval.

A propósito, incluímos na presente edição, da página 5 a 8, uma amostra da arte que o estudante da PUC é capaz de fazer. Assim o leitor poderá recuperar um pouco da sensibilidade perdida, porque...

Ninguém
é de
Ferro!

Porandubas

R. Monte Alegre, 984

Tel: 263.0211 r. 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
Edison M. de Almeida
Paola Patassini

Produção Gráfica: Editora AFA

Tiragem: 15.000 exemplares

HUMOR: INVASÃO DA "BRAGUILHA"
(mas as cartas vão continuar)

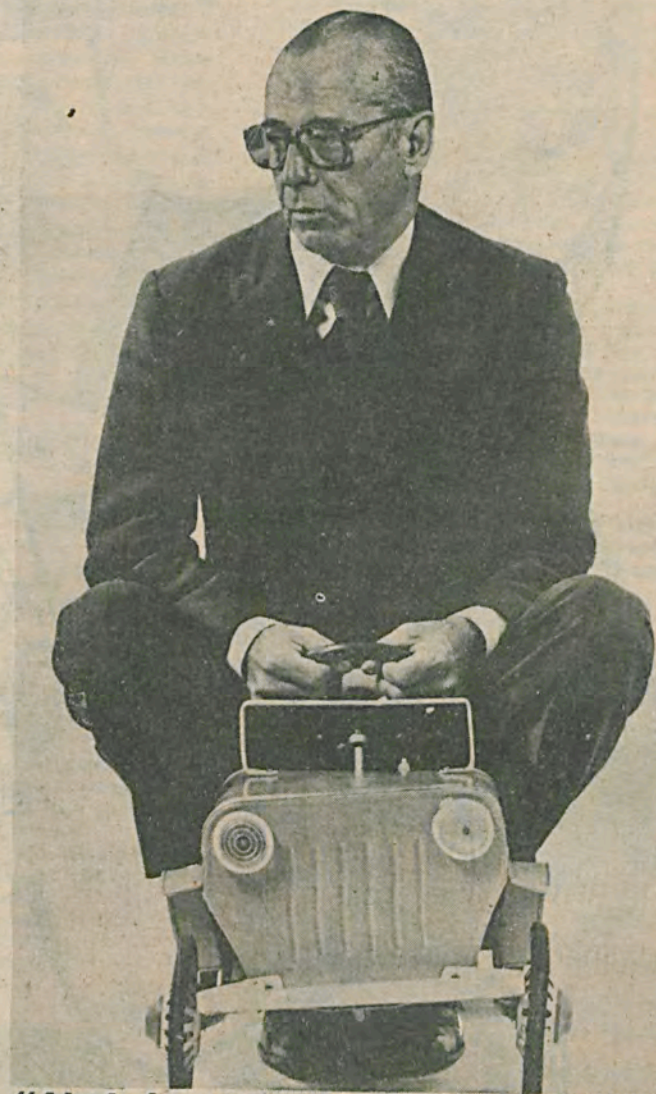
Zé Renê e Paulo de Tharso são dois filhos da PUC, que com suas molecagens fizeram esta revisão do ano de 81. Por "umas e outras", foram suspensos da creche da PUC, por portarem dois litros de wodka em suas lancheiras.



Entrementes, na Alfândega do Japão...



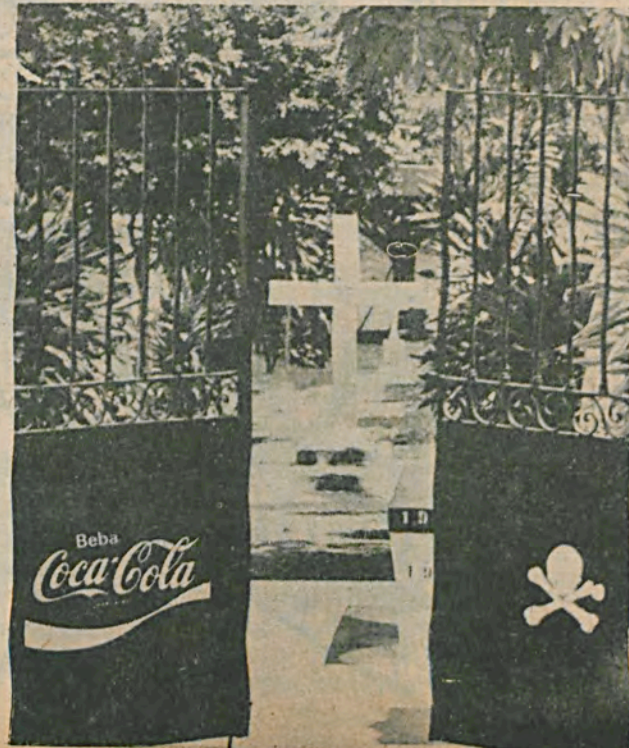
INGOVerno



"Ainda bem que não é um Puma!"



"Em defesa
de algumas
empresas
nacionais"



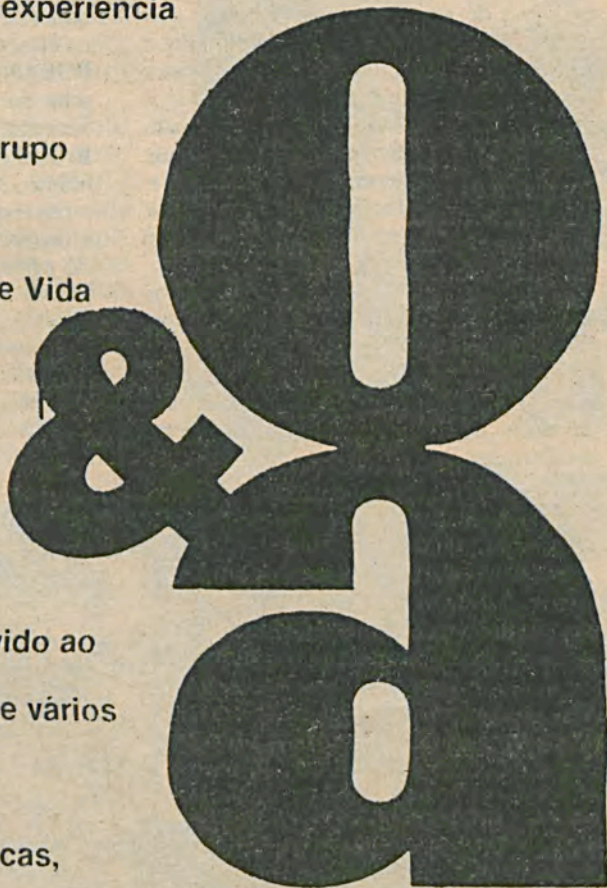


**CARTAS:
ENTREGA NO
PROTOCOLO
CENTRAL;
COM A PAULA
(CCMFT)
OU COM
PE. ENZO (CCMB)**

Uma Nova Ameaça: a bomba DOS neutrons!

Memória Teatro-PUC

Há 14 anos, em setembro de 1967, os estudantes da PUC produziam uma experiência estética importante. Assessorados pelo grupo de profissionais que participara de Morte e Vida Severina, o grupo de teatro dos estudantes — TUCA — montou a peça "O&A". Devido ao renovado interesse de vários setores por manifestações artísticas, PORANDUBAS foi ouvir o Roberto Freire, que na época foi coordenador artístico do TUCA e autor de "O&A".



PORANDUBAS: Como nasceu a idéia de O&A? Como foi sua elaboração?

R. Freire: A peça nasceu como uma imposição do Festival de Nancy. Ao lado das peças principais, todos os grupos deveriam levar pequenas peças de 20 minutos sobre o tema "conflito de gerações": eles davam até roteiro. Então, nos reunimos para pensar algo esteticamente contemporâneo em termos teatrais, numa linha diferente de Morte e Vida Severina, cuja estética é mais convencional.

Dentro do grupo TUCA nada era resolvido de cima para baixo e assim, ao lado dos profissionais que assessoravam, os estudantes tomavam todas as decisões acerca da perspectiva e conteúdo do espetáculo. Por isso, foi formada uma comissão integrada por Silnei, Ferrara, Chico Buarque e eu, mais Lucrécia, Elza Lobo, Suster e alguns representantes do elenco. Após muita discussão, o Marinho e eu ficamos de preparar duas sinopses que concretizassem os debates. A minha sinopse foi escolhida porque trazia uma forma teatral original, quase sem palavras, em que o conflito de gerações não fosse abordado de forma explícita. Era tudo baseado em dois fonemas: o "A" sugeria abertura e o "O" sugeria fechamento. Além disso, o espetáculo era musical e adotava uma dança que procurava representar a vivência subjetiva do problema.

FUTURO SOMBRIO

PORANDUBAS: Quando foi essa transação toda?

R. Freire: Ah, foi na véspera de irmos para Nancy, em março de 1966, em meio à maior correria. Naquele momento tínhamos apenas um embrião da idéia teatral, aliás bem recebido na França. Só que o sucesso de Morte e Vida Severina foi tão grande que as pecinhas ficaram na sombra. Na volta da Europa, Morte e Vida seguiu carreira mas ao mesmo tempo já estávamos preocupados com o que faríamos depois, dotado da mesma carga estética e política do nosso primeiro trabalho. Para um se-



gundo espetáculo víamos perspectivas um pouco sombrias...

PORANDUBAS: Perspectivas sombrias? Que mistério é esse?

R. Freire: Vou contar um caso que ilustra bem essa questão. Depois do Festival de Nancy, nós nos apresentamos no Teatro das Nações em Paris, ao lado do que havia de melhor no mundo em teatro: havia Grotowsky, Living Theatre, etc. Pois o TUCA e Morte e Vida Severina foi um tremendo sucesso e o diretor do Teatro - Jean Louis Barrault - nos deu uma recepção. Lá pelas tantas ele nos fez uma saudação, perante toda a intelectualidade francesa, em que após dizer que o TUCA fora do grupo jovem mais brilhante que ele conhecia na vida, ele terminou com uma declaração terrível. Ele temia por nosso destino porque um grupo que fez Morte e Vida Severina sofreria muito em fazer algo de nível semelhante, e que seria muito difícil de acontecer. Indignado, subi num sofá, e movido a champanha, aceitei o desafio, porque conhecia o potencial criativo da juventude brasileira. Depois, sambamos até de madrugada na frente do teatro, até que a polícia nos dispersou a todos - Jean Louis inclusive...

RECUPERAR A PALAVRA

PORANDUBAS: Mas como era propriamente a peça?

R. Freire: Bem, o grupo era todo novo

porque os atores de Morte e Vida perderam muito tempo de vida escolar e precisavam recuperá-la. Além disso, queríamos ampliar a experiência do TUCA para mais gente. O próprio embrião inicial de 20 minutos também precisou ser ampliado para uma peça de 40 minutos, o que talvez não tenhamos conseguido inteiramente.

Tem um caso engraçado. Ao fim da peça, a platéia aplaudia muito e corríamos para o corredor para sentir as reações. Encontrei o José Celso Martinez Correia entusiasmadíssimo: "achei sensacional a peça, foi preparado um clima fantástico. Estou doído para ver o 2º ato; deve dar um desenvolvimento fantástico!" Aí ele ficou frustrado quando avisei que não tinha segundo ato e que ele o fizesse no Oficina..

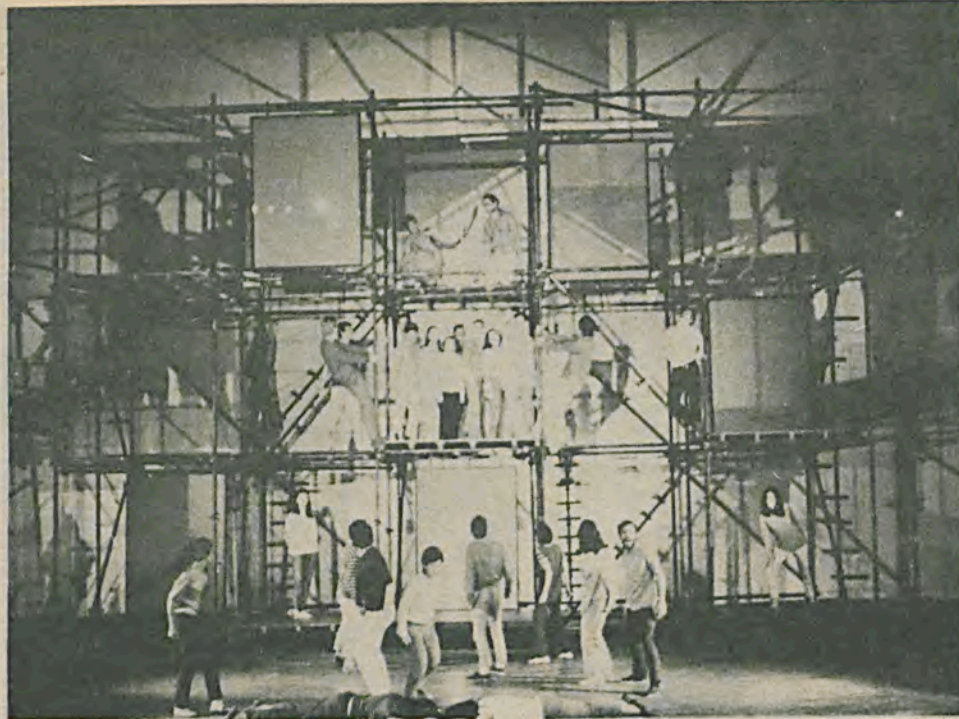
"O&A" foi o final de todo um processo, em que eu fora encarregado de dar desenvolvimento à idéia inicial. Foi uma "co-criação", criação de caráter coletivo, mas não mistificada. As idéias eram criadas pelo diretor, cenógrafo, músico, coreógrafo e depois todo mundo dava opiniões, que eram analisadas e aceitas se se encaixassem na idéia básica.

Naquela época eu estava muito preocupado com o desgaste de palavras que eram usadas ao extremo, tais como liberdade, justiça, amor, que já não tinham nenhum sentido. Por outro lado, havia uma repressão violenta sobre o teatro e sobre a turma que fizera Morte e Vida Severina. Assim, o que quer que escrevêssemos seria alvo da censura, ainda mais que nossa nova peça trataria de conflitos, de gerações, de idéias, de coisas fechadas com coisas abertas. Essas vivências os estudantes viviam frente à família, professores, a polícia, o Estado e a Igreja.

Todas essas coisas eram mal compreendidas e mal assimiladas por que era um momento de crise nacional. Como psicólogo eu ia a juventude passando esse momentos carregada de enormes conflitos internos de "O" e de "A" dentro dela mesma. Eu percebia que se os atores trabalhassem com sinceridade, o espetáculo seria inclusive terapêutico.

Nesse quadro eu pretendi diminuir o processo verbal, tentar o uso de comunicações que não fossem verbais. Por isso empreguei expressão corporal subjetiva, canto sem letra, movimentação não só horizontal mas vertical: assim criaria rupturas e estímulos novos. Para essa movimentação vertical tivemos a ajuda da Ester Stockler, bailarina. A coreografia não era explícita, isto é, não era reprodução quase mímica de palavras mas procurava usar sugestões que atingissem o inconsciente coletivo e individual da platéia.

Uma coisa que nos ajudou foi o livro "Obra Aberta" do Umberto Eco, então recém-publicado, que formalizava coisas que já intuíamos. Percebemos que poderíamos levar o espectador a completar em



seu corpo e sua mente o que apresentávamos no palco.

Assim, a peça mesma, foi escrita em meia-página. Só que eu tive de participar de todos os setores, conversar com todos os atores para dar vida àquela idéia sem palavras. Quando "O&A" ficou pronto, era um balé moderno, muito atual, que se fazia em dois planos em torno a uma grande estrutura metálica. Ali os atores se moviam com grande insegurança, em todas as direções do espaço. Os atores foram geniais, tendo até desenvolvido um trabalho de trapezismo. Isso tudo para mostrar o processo de quem se desenvolvia e criava autonomia, que ia emitindo sons em "A". Quem dependia de estruturas, falava em "O". Às vezes os sons saíam desarticulados e às vezes eram harmônicos.

A CENSURA NA ARMADILHA

PORANDUBAS: Parece que tinha também um filme na peça...

R. Freire: É, o João Silvério Trevisan fez um documentário extraordinariamente bem montado, a partir do material Censurado aos telejornais. As cenas eram comentadas por uma seleção musical perfeita. Só que a censura proibiu várias cenas de violência da polícia contra os estudantes e mandou um certificado descrevendo as cenas que ela mesma proibiu. Pois filmamos o certificado e ele abriu o filme: a reação da platéia era imediata, gargalhada enorme. Como se vê, a censura caiu na própria armadilha...

Outra coisa importante na abertura era um balé que denunciava a construção de coisas genocidas. A música foi feita pelo Júlio Medaglia, que terminava numa grande explosão nuclear. Na estrutura havia uns vidros onde eram projetadas imagens de destruição. Os jovens iam sumindo e só restava um casal, que morria abraçado e ficava assim a cena inteira. Nesse balé de abertura, os 25 atores em determinado momento simulavam todos os jogos de bola que existem. Só que sem bola. De repente a "bola" era arremessada contra a platéia: certa vez, o público ficou "jogando" durante uns 10 minutos, numa ludicidade e alegria incrível.

"O" INVADE O PALCO

Daí começava propriamente a "ópera sem palavras". Depois de muita pesquisa formou-se uma historinha que cada dia era de um jeito, representando o grande conflito entre "A" e "O" dentro de cada pessoa, isso foi muito violento para os atores jovens. Havia momentos épicos na música do Chico, que criou uma verdadeira ópera, além de sambão, xaxado. A ação começava na intimidade das casas e ia para a rua. Há uma cena muito bonita em que um casal vence mil dificuldades para se encontrar lá em cima da estrutura

de ferro: mas, quando se encontram, não conseguem se relacionar.

A peça mudava em função do momento do elenco e também da platéia. Certa vez, um cidadão saltou dentro do palco e resolveu ser "O" dentro do "A", gritando em "O" e atrapalhando as cenas. Ficamos em pânico nos bastidores, sem saber o que fazer porque havia atores que queriam ir lá e dar porrada no sujeito, só que a proposta da peça era ser aberta e aí?

Apesar da adesão ideológica, afetiva muito grande do público, a compreensão lógica não era linear porque não havia uma "estorinha", com princípio, meio e fim. Daí que depois da peça — de 40 minutos — havia um debate de mais de hora e meia.

ESPETÁCULO AINDA INÉDITO

PORANDUBAS: Então, vocês só aparentemente rompiam com a palavra!

R. Freire: Claro, ela era recuperada através de mecanismos não-verbais. Esse tipo de espetáculo encontra paralelo no Brasil, apenas no Arena Contra Zumbi por seu esquema de ator-coringa e expressão corporal. No resto do mundo o Grotowsky e o Living fizeram algo semelhante. A crítica nos elogiou bastante: pois recortei tudo e mandei para o Jean Louis Barraul para dizer a ele que estávamos vivos. Creio que "O&A" superou esteticamente o Morte e Vida Severina, embora este fosse superior em emoção e também por ter atraído maior público que "O&A".

O problema maior foi mesmo com os atores, que vinham me procurar com seus problemas de "O" e de "A" em carne viva. Eu procurava apoiá-los e encaminhar grupos mas fui surpreendido pela reação deles. Sem querer, fizemos psicoterapia de massa.

Quanto à dimensão política, estávamos na véspera do AI-5, chegando a 68. A censura tentou de todo modo impedir o espetáculo. Nossa estréia no Rio coincidiu com a volta de Samuel Wainer do exílio. Ele estava impedido de escrever. Mas quando viu o espetáculo, ficou tão impressionado que foi na redação da Última Hora, escreveu um artigo que pediu para a primeira página e solicitou ao Nelsinho Motta que assinasse, o que ele fez depois de alguns acréscimos. Na volta a S. Paulo, havia um clima de muita ameaça: os atores eram presos para averiguação pouco antes dos espetáculos, o que impedia sua realização. Além disso, creio que a PUC começou a ter dificuldades na manutenção da estrutura do TUCA e os profissionais tiveram de ir para outra.

A cena final da peça era simbólica disso tudo. Era quando os atores deslocavam aquela estrutura pesadíssima... só que com o auxílio de uma máquina de elevador. Talvez fosse a única cena demagógica da peça, de que os jovens podem modificar as estruturas.

SÓ A SAÚDE CRIA

PORANDUBAS: Como você vê atualmente a proposta de "O&A"?

R. Freire: Olha, cada fase histórica é irreproduzível. O que se vai fazer nesta abertura atual é diferente do que se fará noutras aberturas. A experiência de Morte e Vida Severina, "O&A", "O 3º Demônio" só poderia ocorrer naquela época, com aquelas pessoas. Além disso, sou contra a idéia de que a obra artística depende do estado patológico - da sociedade e do indivíduo. A doença nunca criou nada. Acho terrível dizer que as pinturas do "Museu do Inconsciente" são produzidas pela loucura; aquelas obras foram produzidas pela vida, pelo homem que as criou e não por sua doença. Fico indignado com afirmações de que a obra de Van Gogh vem da sua epilepsia pois elas nasceram de sua descoberta estética, já esboçada antes do surgimento da doença.

Assim, "O&A" e Morte e Vida Severina foram a coincidência de uma ação muito grande, e provaram que o estudante não era aquele impotente artístico nem aquele político profissional que se acusava na época.

PORANDUBAS: Finalmente, o que você acha de a Globo levar ao ar Morte e Vida Severina?

R. Freire: Se ela não for ascética como de hábito, será um programa belíssimo. Eles estão indo filmar no sertão, no palco real e original da peça. Mas, pode ser que não dê certo. Pode ser que o texto de João Cabral só se realize em termos teatrais; talvez a música do Chico não se encaixe na caatinga real. Acho muito difícil a coincidência da criatividade com o veículo de comunicação e com as pessoas adequadas. De qualquer maneira, os ingredientes são bons. É esperar para ver.



RESTAURANTE CANTABRICO



COCINA TÍPICA ESPAÑOLA

- Despedida de Fim-de-Ano
- Comemoração de Formatura
- Amigo Secreto

Rua Dr. Homem de Mello, 838

— Perdizes — tel. 62.2623

PRODUÇÃO ARTÍSTICA DOS ESTUDANTES

C.E.V. Conta Contos

“A programação de Comunicação e Expressão Verbal em 1981, caminhou pelo ler, re-ler, criar e re-criar (com) textos.

Percurso: pausado pelas constantes buscas; projetado na hibridização de textos-texturas; tecido num fazer, re-refazer.

Nosso ponto de chegada: um re-contar estórias.

Tempo esgotado.

Na sua leitura a continuidade do percurso.

Recomeçar”.

(Professores de Comunicação e Expressão Verbal-Básico)

Autorando

Marily Raphul Marujo

É o pior é que ela era um tipo comum. Não mais nem menos. Comutadinha, nem musa nem bandida, nem feia nem bonita, nem alta nem baixa. Gostaria de ser mas não era. Vidividindo sua vidinha, nem acompanhada nem sozinha. Vazia. Nem isso, por dentro cheia.

Mas Maria queria, desejava, ansiava, necessitava sair de dentro, soltar seu recheio. Surgir, brotar e quem sabe criar. Até que para ela criar não era difícil. Quanta imaginação! Fervia! Tanta coisa... que até se arroxava. Já tinha pensado em escrever para passar seu dentro, entretanto quando tentava, tudo parecia se embolar e ela não se decidia. Carecia. Preguiçava. Ah! Quando saísse o primeiro, tava ganha a guerra. Era como um parto. Saindo um tudo ficava fácil, o resto escorregava.

Criava a danada mil estórias. daqui, de lá ou de acolá. Não importava o lugar, a hora ou o personagem mas, tudo só na cabeça tinha, difícil era sistematizar. Como era tranqüilo, gostoso bolar, enquanto inventava era sonho, imaginação solta, vivia um pouco disto. Escrever? Nem pensar. Desgraçava tudo. Arrumar suas idéias para os outros? Bruta trabalhadeira. Valeria? Tinha medo? Nem ela mesma sabia.

Dia destes acabou-se a pasma-ceira. Um vilão, até que simpático, apareceu. Chegou falando, mandando e desmandando. Era data, mês, dia e até hora marcada. Ela tinha que fazer e entregar. O que senão... um conto. Era fácil! Fácil? Veria...

Diante da precisão deu um branco. Fugiu a imaginação, sumiu a criação. Que fracasso! (Não era bem isso, seria Que desilusão!



mas rimar tudo vai parecer verso e isso é um conto. Será?) Queria e precisava criar, escrever e não conseguia. Quando começava a imaginar — Zupt — fugiu. Credo! foi ficando tão preocupada, tão assustada que nem tesão mais sentia. Ai Jesus! Isso não! Podia perder tudo: a imaginação, vontade de criar, o emprego, o ano, tudo, mas o tesão? Esse não!

Pencismou: é a fase, o medo de pôr no papel, a maldição da data para entregar, a correção. Isso perturba, aborrece, atrapalha. Que horror! Esse vilão exigia de tal modo e jeito que consumia. Malvado.

E o dia chegou. Não tinha mais jeito. Eta marcação. Foi deixando esperando e cadê a imaginação. Faltava tudo agora, até um motivo.

Sentou, pegou de tudo um pouco do que tinha. Cigarro, café, biscoito e tantos etecéteras que nem sei. Se sempre fluía seu pensamento agora ele havia de. A coisa viria. E foi ficando nervosa, uma onda subia outra descia e nada. Olhava pra cá, olhava pra lá e nada. Via, envolvia, voava, ia e vinha e nada. NADA!

Mariiiiiiii! como você é besta! Demorou tanto e o tempo todo a coisa aí. Bem na sua frente. O maior caldo de galinha! Descobri- ra. Seria mesmo? Nem ela mais cria. Mas, só podia... Só mesmo Maria... Era bem isso o primeiro. Sua dúvida, seu medo. Ela mesma autorando e personageando. Conseguiu! Escreveu. E o vilão ia gostar? Não sabia mas também não importava. Não mesmo? Vá saber... Eta Maria! Tão simples e tão difícil. Agora é entregar e esperar.

Foi seu primeiro conto, claro que aumentou muitos pontos mas, foi difícil como um primeiro parto. Será que agora outros vão escorregar?

Desenredo

Jurema Camanho Martin

"Três vezes passa pela gente a felicidade". Guimarães Rosa

ATO I — ANTES DO FOCO

Soa a campainha. Um homem entra em cena. Meu marido Joaquim. Chega-se a mim e beija-me o rosto. Por que não beija minha boca? Mordo-me os lábios. Aquele por tirania e machismo, este por respeito e acato. Passivo nas idéias, um fraco nos atos e fatos. Sou esposa, incompleta. Devo ser a outra. Mulher por inteiro. Amada e amante. A platéia condena meus pensamentos. Lá se vai perdida, voando pelo horizonte, uma vez mais a mariposa.

Cenário obscuro. Móveis sombrios. Cores inexpressivas. Objetos inanimados.

Saio do palco, e deixo que a vida mude o cenário mudo. E nos bastidores conheço Jó. Sorri para mim. Seus olhos negros deslizam sobre meu corpo. Percebe minha presença ausente. Meu olhar o encontra. Busco seus carinhos e afagos. Encontro-me em seu corpo, perco-me em sua alma. Amada e amante. Por apenas alguns minutos. Devo voltar em cena. Imagem real. Fora do palco.

Quando retorno ao ato, Joaquim me espera com um conhecido seu. Homem atraente. Seus olhos azuis deixam transparecer um caso de amor. Dia seguinte, fazemos o fato, fora do ato. Amantes e amada. Imagem real. Fora do palco.

Tanto faço, fora do palco, que Joaquim acaba por encontrar-me com o amigo, dentro do palco. Desonrado, mata o amigo. A platéia condena meus atos. A mariposa de asa cortada, não pode mais voar. Olho nos bastidores e revejo Jó. Este sai pela porta dos fundos. Foge do caçador pelo medo e da mariposa pela traição.

Eis que surge, por destino vingado, Joaquim acometido de doença mortal. E lá se vai o caçador, caçado.

Saio do palco e deixo que a vida mude o cenário mudo. Novamente a contracenarmos juntos, desta vez no palco. Imagem real, dentro do palco.

ATO II — EM FOCO

Soa a campainha. Um homem en-

tra em cena. Meu marido Jó. Chega-se a mim e beija-me o rosto. Por que não beija minha boca? Mordo-me os lábios. Aquele por tirania e machismo, este por respeito e acato. Passivo nas idéias, um fraco nos atos e fatos. Sou esposa, incompleta. Devo ser a outra. Mulher por inteiro. Amada e amante. A platéia condena meus pensamentos. Lá se vai perdida, voando pelo horizonte, uma vez mais a mariposa.

Cenário obscuro. Móveis sombrios. Cores inexpressivas. Objetos inanimados.

Saio do palco e deixo que a vida mude o cenário mudo.

Que entre em cena mais um amante. E fazemos o fato, dentro do ato. Amante e amada. Imagem real. Dentro do palco.

Jó desonrado, expulsa-me de cena.

Vivo agora, de ato em ato, fora do ato. Sempre atrás do palco. Imagem virtual. Fora do palco.

ATO III — DEPOIS DO FOCO

Soa a campainha. Um homem entra em cena. Meu marido e amante Jó Joaquim. Manda chamar-me. Entro no palco. Chego nele e beijo-o na boca. Mordo seus lábios. Tirana no amor e frágil no desamor. Metade mulher. Mulher inteira. Sou eu. Sou ela. Completa. Incompleta. Um dia amada. Em outro, amante.

Fazemos o fato, no ato, dentro do palco. Iluminado. Espectros mil. Coloridos. Objetos humanos.

Trago ao palco, os bastidores. Chamo Jó Joaquim. Marido é amante. Chega-se a mim e beija-me a boca. Morde meus lábios. Amada e amante. E fazemos o fato, em ato, dentro do palco. Imagem invertida. Dentro do palco.

Eu e Jó. Eu e Joaquim. Eu e Jó Joaquim. Marionetes do palco da vida. Cenário aberto. Censura livre.

Condeno a platéia. Fecho as cortinas. Cenário fechado. Censura proibida.

Fim de ato.

(re-escritura de Desenredo, João Guimarães Rosa)

Desenlace

Eduardo Bracher

Fabiana dormia do meu lado num sem-corpo largado e quente, como nos outros dias. Eu olhava e me vestia, conhecedor de seu sono.

Saía na rua, andava, respirava e movia os olhos. Lerdo sobre as figuras que via e esperançoso dos rostos em ruas e bares, apostando em cada expressão.

Até que acendi um cigarro, pedi pelo sorriso calado de alguém.

Conversei sobre o dia, bebi e conheci Livia.

Apagou o cigarro mas continuamos — Livia grudando na pele e abrindo a boca me levou pelas mãos. Riu das estórias minhas e esqueceu... ou não ligou.

De Fabiana não soube mais. Acordou e retraiu-se:

Feliz Aniversário

Clicie Weissheimer Carneiro

O que escrevo aqui não é doença de uma velha esclerosada de oitenta anos, mas algo que uma pessoa, nos dias de hoje, pode sentir dentro de si, lá no fundo, nas entranhas, onde nenhum ser pode penetrar e depois explicar o que foi encontrado lá.

Minha terra é insegura, é a velhice que me impossibilita uma escrita correta, mas passos forços e vou em frente, com passos curtos, porém marcantes. Estas palavras não têm destinatário, podem ser para alguém que ainda goste de mim, que me compreenda, ou podem ser para a vida, para o amor e talvez até para uma família.

Todos os anos, no dia do meu aniversário, reúnem-se à minha volta noras, filhos, netos e bisnetos. Para uma pessoa normal, isso seria maravilhoso, porém minha família está em decadência desde o início de seu período de ascensão (tentativa).

— Desligava telefones, evitava caminhos e achou outros homens que me encobriram a vista e acalmaram meus ventos.

Assim ficou.

Mas sabia-se que o dia chegaria.

De olhos bem abertos Livia fumava cigarros e saía. Tocando seus anéis olhava os homens meus primos.

Até um outro...

Foi quando largou minha mão.

Fiquei cansado e lamentoso, acostumado de prazeres que estava.

Mas o separar gera forças que o prazer dissipa.

Como os dela, meus olhos deslizavam as ruas da cidade.

Num esquina de noite vi Fabiana, a cabeça mal querendo levantar dos ombros que estava; me olhando prevenida, com as vistas de quem está acompanhada.

Tinha um carro e chamava-se Júlio —, me deixaram sem saber mais. Apertei as mãos, puxei os olhos dos abraços deles e andei.

la tropeçando de cismado em olhar para o chão que estava, lembrando coisas e esquecendo seu sentido.

— Mas o tempo é engenhoso. E Livia sabia ser gostada, apertando cigarros apagados na boca e pedindo fogo.

Tudo aconteceu numa só noite: — Júlio se perdeu nos olhos de Livia que o puxou para dentro, apertou com as pernas e secou sua boca.

Depois dormiram.

Na madrugada quieta, Júlio apaixonado e já vestido ligou o carro e foi embora; mas de inebriado que estava não viu o muro na sua frente.

E faleceu de desastre.

Andei então a rodear Fabiana, zeloso da situação mas seguro dos propósitos.

Examinei as dores de perto, mas não confiei muito nelas. Pouco depois lambia as lágrimas — porque as primeiras noites foram sempre tristes por conta do ocorrido — e molhei sua boca.

Reencontrei aquele calor repouso do corpo, de gente que se sente segura com alguém do lado.

E seguimos caminho...

(re-escritura de Desenredo João Guimarães Rosa)

Neste último aniversário (e como acontece em todos os outros), a família chegou pouco a pouco, invadindo a sala de Zildinha, como um bando de cães fofinhos por uma grande superioridade, mal vestidos e mal educados. Nunca vi grupo de arte dramática ser tão perfeito e realista; tomam situações embaladas em falsidade e hipocrisia, tentando esmagar-se uns aos outros como se fosse a própria realidade! Eles fingem afeto, simpatia, união, admiração e mal sabem que nos seus rostos está estampado o antagonismo desta bruma de sentimentos pálida e fria.

A noras de Olaria e Ipanema são opostas e rivais. Estavam sentadas uma frente à outra, nas cadeiras enfileiradas da sala e, ao cruzarem olhares, fuzilavam uma à outra, na disputa de uma melhor posição na escala social da encenação.

A festa em si estava um nojo! Não participei dela nem um segundo e esta não participação ocorre geralmente não só em dias de festa, mas em todos os dias do ano. Pelo menos um dia do ano eu queria viver, não vegetar desta forma como vegetal. É um direito, sou humana, vim a este mundo da mesma maneira que os outros e sou mãe acima de tudo, sou mãe deste bando de podres, azedos e infelizes seres.

Zildinha colocara-me à mesa logo depois do almoço, como se eu participasse, juntamente com os copos (de papelão e alusivos à data) e o bolo, da ornamentação da mesa. Na-

Um Momento Cansado

Estava cansada... com certeza cansada.

Chutou os pedaços de papel amassados no corredor, feito moleque que anseia por um gol.

Apressou-se! parou diante da porta, indecisa.

Abriram-se... a solidão era um momento de soltura; pode rasgar o peito e deixar o rosto desmascarar-se. Curvou-se! a dor era forte.

Estava cansada... com certeza cansada e aquela dor profunda a percorrer-lhe os quadris, o estômago. Gemeu.

Mas era silêncio e precisava refletir. As mãos no quadril, apertadas contra o corpo, varando a dor.

Caminhou tateando as paredes. Vivas? sentou e observou atenta cada detalhe, cada inscrição.

Olhou através de seus olhos cinzentos e ouviu, ouviu que as portas, as paredes, vivas? diziam-lhe.

"25 anos de PC do B"

"Abaixo as entendidas"

"Liberte-se, agora é sexo grupal"

O suor percorria seu corpo... estremeceu.

Ela quisera revolucionar; pensou. "25 anos de PC do B", agora esta imagem, o grito no Ato Público, as discussões de vanguarda, as neuroses estudantis, a ausência da prática junto ao povo era uma gota e confundia-se com seu suor, era dor e percorria seu ser, esvaia-se.

Sorriu-se em riso amargo e abafado. Era preciso romper preconceitos, pensara. Bendita repressão que a privava do gozo, do êxtase, do sexo, da liberdade, da justiça.

fizeram-na. Violaram-na. Mas ela permitiu-se amar.

Reich, Marx, Engels, confundiu-se. João, Sr. José de Oliveira, a amiga

Carmen confundiram-na.

CENTRO BRITÂNICO

CURSOS DE INGLÊS
CONVERSAÇÃO—
JUVENIL
PREPARAÇÃO PARA
EXAMES DE
CAMBRIDGE

Matriculas para 1982
a partir de Dezembro/81

R. Ministro Godoy, nº 956
Perdizes

Tel: 62.2984

quele momento, senti que era mais do que um traste dentro da casa, não poderia jamais, na minha mocidade, pensar que na velhice seria o que sou, perdendo o valor humano e tornando-me um lixo e que a obrigação de ver-me poderia ser fatal.

Fiquei ali, na cabeceira da mesa, meditando horas a fio, alienando-me quase que totalmente das pessoas presentes. De vez em quando, piscava para lubrificar os olhos secos de angústia. Zildinha trouxera um prato de croquetes engordurados e um de sanduíche de presunto — não posso comer gordura — o que é mesmo que se tem para comer?

Chegou Cordélia, trouxe meu neto Rodrigo, animaram-me um pouco, tinham consideração para comigo, demonstravam que me amavam, sabiam que era capaz de viver, pensar, sonhar como todos os outros. Gosto muito deles, não participam da encenação e através do sorriso refletem pureza e bondade. São a minha esperança de salvação do dilúvio em que se encontra a família.

Os filhos também chegaram: José e Manoel, com suas respectivas famílias. José não sabia como chegar e desejar-me parabéns, para ele sua voz teria que soar fortemente em todos os ouvidos, o que realmente era pura encenação. Manoel endossava as palavras de José, para fortalecer mais o título de sócio existente entre ele e o irmão.

Depois de um canto desafinado e desajeitado, pediram-me para cortar o bolo. Assim o fiz; concentrei toda

minha raiva nas mãos e, como se tivesse reunido este bando de falsos e hipócritas no bolo, dei a minha primeira talhada com punho de assassina. Naquele momento, senti que matara todos de uma só vez. Continuavam todos ali, a grunhir por um pedaço de bolo, de seus próprios corpos, que eu matara.

Depois de muitos discursos improvisados, gargalhadas, desculpas subsequentes, fingimentos, desprezos — nada de negócios, hoje é dia da mãe! — a festa acabou. Agradei por tudo que foi proporcionado para mim naquele dia. Pontos de interrogação estamparam-se nas cabeças e a reflexão veio depois à mente de cada um, no seu próprio caminho. Todos se foram.

Nem sempre a vida está sorrindo para nós, mas hoje é um outro dia, não sei o que se passa na cabeça desses humanos mal agradecidos. Para mim, depois de tantas emoções, ilusões e desilusões, talvez a morte fosse um alívio.

(re-escritura de Feliz Aniversário Clarice Lispector)

Minguante

Rifka S. Souza

Tudo em "Blue". Como a lua. Seu corpo minguante e minguado adoeceu. Sentiu-se anjo e Lúcifer. Chorou. Essas palavras profanas se liquefizeram nos olhos. Parou em frente ao cortejo; repleto de fantasmas.

procurou a brisa que azulava o céu, a brasa que asilava o ar; só sobrando.

Tudo em "Blue". "Brother". Sentiu o peso grande da gravidade. Sua língua chapou o chão. Deixou ali o seu beijo, crivado no barro branco — fantasma. Sua vulnerabilidade havia aumentado; foi atormentada pela serpente São Paulo, pelo seu pecado - Gritou. Que santa luzia não lhe tirasse a luz dos olhos. Nunca.

Olhou a lua. "Blue". Sentiu banhar-se, sentiu seus pés, a cabeça. Dos pés à cabeça. Seu coração dispara e pára.

Tudo em lua. Azul. Lembrou-se da avenida São João, do Dancing, da luz neon azul luzindo. Fora musa de cântico, menina iluminada, artista de cinema. Agora a solidão — Musa inconsolável. Foi-se a foice de seus olhos, seu brilho, suas asas e, seu vestido tingiu-se.

Sentiu-se azul, como a lua. Sob o olhar da sombra, uma mariposa que reluz, rolando ao redor da lua, e não do poste de luz.

Sentiu-se virgem e pura. Deusamor. Sentiu o luar e amou... Seu último homem, seu último filho, e sua mãe.

Sentiu-se azul, escurecendo. Possuída. Noite e tentação. Viu. Sentiu a serpente alisar suas pernas; dando o bote mordeu o céu de sua boca, mordeu a maçã do rosto. Gritou, rompendo a redoma de porcelana que a envolvia. Nesse momento o ar tornou-se afrodisíaco, tornou-se desejo e prazer. Fez amor no asfalto úmido; ali nasceu uma flor.

Soubes-se humano, seu nome e irmã. Seu corpo sensualmente azul luzia luzindo, como a lua. Azulou o ar, encheu e minguou. Asilou o luar. Brilhante. Olhou seu homem, seu filho e mãe, recolheu seu beijo do asfalto-gesso. Implodiu. Fez-se nave e astronauta, fez amor com anjosexo. Foi-se lírica, foi canção — foi se esvaindo e indo e foi-se com a noite.

FOI EM "BLUE" — COMO A LUA

Foi-se azul, lábios azuis, flores no cabelo, mãos azuis em cruz. Foi-se para a lua, para o dragão e São Jorge. AZUL LUZA E LUZINDO. Foi-se Luzia... Infinita mente luz.

Engrenagem

João G. de Almeida Filho

Trrruuuu o despertador lá em casa, blim... blim... blim... o relógio de ponto na fábrica já esfumaçante o café passando carros na avenida o movimento de pessoas já aumentando o dólar o padrão de vida brasileiro caindo menos gasolina no tanque de lavar roupa água caindo e mulher estanque frente ao tanque soviético é o mais sofisticado, anuncia o jornal sempre alguma coisa nova todas as manhãs notícias correm uns por esporte, outros da fome corre rápido como as pálpebras as portas dos bares, empórios e lojas se abrindo correm neste começo de dia bom? dia.

Dia de manhã na fábrica o martelo do operário bate à máquina a secretária em sua mesa o patrão escrevendo sobre uma infinidade de assuntos os estudantes estão no hospital pessoas com fios de aparelhos pelo corpo e fios de lágrimas pelo rosto dos velórios e amém nas igrejas para o fraco o mendigo que pede uma esmola o que se ganha: salário mínimo para o máximo de fome, afinal é a hora do almoço.

Almoço, almoço na cantina cheia a mesa em certas casas: arroz, feijão, carne, batata: na marmita falta que não deram ao Corinthians no jogo perdido o emprego, não importa é meio-dia pelo sol aceso o cigarro sinal de fim de almoço às treze na loteria um sonho de sobremesa e a conta José que é um contínuo.

Continuo no segundo período vespertino véspera da noite. Noite profundamente escura a televisão depois de apagada a chama do sexo corpos inertes só querem o descanso, pois estão sem forças para o desejo de uma vida melhor é um sonho bom que esperam encontrar no sono que no mais é perturbado pela lembrança do que hoje a tarde viu-se.

Viu-se, hoje, lá de cima, de muito alto, uma multidão em volta de um corpo morto na rua, mas está muito alto, só se conseguiu ver algo do tamanho de um ponto final no papel

O Ventre

Maria Livia Alves Coelho

O trabalho era cada dia mais pesado, um fardo inevitável. Dele escorria arroz, feijão, o pão deles de cada dia. Bocas adultas quatro, crianças nenhuma. Era marido, mãe e tia, gordos, fartos nas costas do seu dia-a-dia. Corrente, serpentes, algemas e traços. De fato, pareciam-se, não os quatro, os três: marido, mãe e tia.

Manhã corria igual. Tarde, sei lá, acho que também. Dentro dela, apenas apagados traços, rosto que mudava de cor, camaleão encoberto no encanto de cada canto interior.

Nem alta nem baixa, gorda e magra, voltando sempre, sol poente, só lamento, entre a tarde e o anoitecer.

Tinha a avenida Brasil inteira para ralar caminhar, mas preferia os atalhos, as esquinas dobradas, o ôni-

bus circular. O importante era descer naquele ponto exato.

Crianças! rosas, negras, brancas, azuis... Nomes não tinham, tinham cor. Gritavam, giravam... gravavam, nos seus olhos, coração, ventre e boca uma sensação de encanto, um gosto/desgosto de jabuticabas tiradas do galho mais alto da árvore. Coisa que nunca fizera. Os pés presos ao chão, os olhos fixos na cena, encena no momento exato daquela tarde certa. Incerta bola colorida de encontro ao rosto. Arrancou-lhe os óculos, olhos, o censo, a decência e deu-se o enlace. Jogou o pensamento em campo, girou rodopiou, chutou, gritou:

GOOOOOL!!!

— Devolve a bola tia!

Como tia? como devolve?

Ela era como elas, não havia o que devolver, não tinha bola.

Mentira! estava parada no mesmo canto de antes, abraçada à bola colorida. Os óculos nos olhos, a decência em volta, o rosto vermelho.

Obedeceu ao grito?

Sim, devolveu a bola

Correu.

Retirou a alma a chave, penetrou no espaço exato de cada dia, de cores definidas branco/preto como os seus cabelos originais, como o rosto dos três carnívoros, ali na sala, quadradas, olhos soltos, saltados diante do quadro-mágico.

Deu um boa noite que nem ela ouviu, os outros responderam mudos.

Despiu-se, olhou-se no espelho do quarto, cela de amor, quadrado.

Um quarto quadrado, retangular é sempre um quarto, como uma prisão é sempre uma prisão, pensou.

No rosto, o corte desfeito nos olhos de cor rosa, mas não vermelha como a criança do parque, apenas rosa, rugas em volta.

Um dos quatro, o marido, adentrou ao quarto, claro! e ao que parece houve fogo e brasas nos lençóis desfeitos em flores rosa, amarelo, verde.

Ela não tinha mãos, coração ou mente, era só um imenso ventre.

Adormeceram!...

De volta do sono o círculo, os mesmos caminhos, mas algo saltando à vista: os olhos em ligação direta com a barriga, sorriam. Algo movimentava-se no ventre, não era gente ainda, mas seria. Pensou a cor: rosa, vermelha, azul-branca, negra, não sabia. Com certeza gerava-se no seu ventre um arco íris. O mundo desfez-se em tarde clara. Ela era alta e magra, não tinha mais a cor parda, era vida, corria tomava ônibus direto ao ponto certo.

Naquela tarde, passou pressa no parque, abriu-se em sorrisos largos aos anjos coloridos, bola no pé, alados.

Certamente voltou pra casa e diante dos três tentou ser quatro, não falava, lágrimas esboçavam sorrisos nos olhos, nos braços, nos lábios. Gritou a todos seu ato, seu fato. Arrancou deles aplausos que não apagaram a cor parda, indefinida da vida parada que levavam. Os três exalavam mofo, de fato, mofavam. Ela não, rodopiava, jogava, brincava. Subia no pé de jabuticaba e arrancava do alto o seu primeiro fruto.

Era ventre.

Entrou no quarto como sempre fazia, despiu-se de roupa, morte, cansaço, rugas, dor, espaços.

O espelho dizia claro:

No lugar da alma um franco sorriso. No lugar da cara uma enorme rosa encarnada, cujas raízes do ventre brotavam.

mento... saço

Miriam Ribeiro

Aspirou rapidamente — os músculos do quadril contraídos — aceleradamente... mordeu as mãos que queriam arrancar a dor de seu útero, mas os olhos permaneciam abertos, vendo, lembrando. Uivou.

"A mulher tem o direito de decidir sobre o seu corpo" Quisera romper. Gritara alto, alto contra seus medos. Estava cansada... com certeza com medo.

Um gosto amargo na boca. Uma umidade incomoda em cada membro... fechou os olhos, já não queria refletir.

Sentiu-se esvair. Rolava seu suor — a dor aumentava, sua lágrima — silenciou —, seu sangue e nem pode ver rolar pela latrina a mistura de tanta vida.

"Decisão sobre o corpo" diriam uns, "Negação à vida" diriam outros. Já não sabia... quisera mudar, transceder, avançar.

Transgressão das etapas de seu processo? Ausência de condições materiais, psicológicas e históricas? Sentiu.

Apertou sua mão contra o líquido de vida que saía de seu corpo. Choraram!

Estava cansada... com certeza sozinha

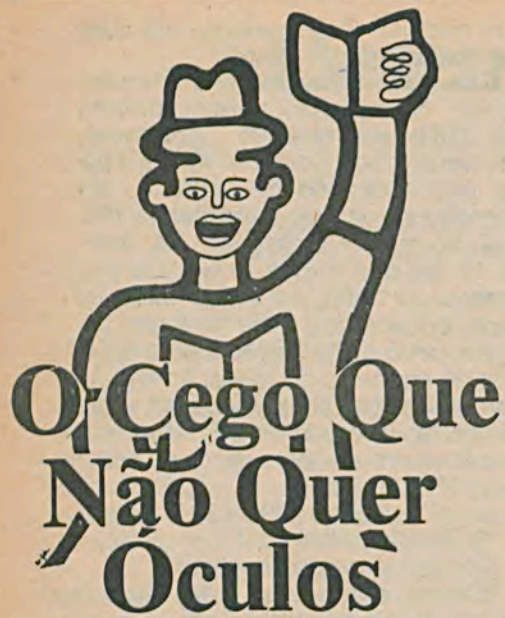
Abriu seus olhos vermelhos e vislumbrou indiferente as portas, as paredes.

Levantou-se. Ajeitou a saia respingada de sangue.

Acionou a descarga. Abriu-se a porta. Ela fechou-se!

No corredor a mesma bolinha de papel. Caminhou a passos lentos para sala de aula, discutia-se sobre Karl Marx.

Estava cansada... com certeza.



Alberto Camiña Moreira

Hoje fui ao oftalmologista. Seu consultório requintado, continua, além da bela secretária, acomodações confortáveis. Sentei-me. O ambiente era o mesmo de elevador. Olhares se cruzavam. Mas logo fui atendido. O doutor, jovem ainda, mas com boa experiência, contava também com boa equipamento. Fui clinicado. Equipatou-se miopia forte nas duas vistas. Saí com a receita na mão, rumando direto para a ótica. Como hoje é tudo moderno, não precisei aguardar alguns dias para a confecção das lentes. Bastou escolher uma boa armação italiana, da moda, e lá estava eu com aquela quase luneta de tão forte, repousando por sobre meu nariz.

Já nas ruas, andava de cabeça empinada, para, através dos óculos, ver à frente. E via com nitidez incrível. Como era gostoso. O farol, onde antes eu confundia o laranja com o vermelho, parecia agora um rubi, quando aberto aos pedestres. Eu continuava a caminhar. Via o brilho ofuscante dos sapatos que o menino engraxate suava para dar, e ao final da tarde, levar uns "trocados" para casa. Via na esquina da grande avenida aquele homem paupérrimo, aos trapos, faminto, com as mãos estendidas aos transeuntes. Eu via tudo e muito claramente. Minha visão era um filtro que coava tudo, e o filtro era a lente. Até a rapidez de um raio, do trombadinha, levando a carteira do moço, eu enxergava. Não passava nada mesmo. O sol parece que brilhava mais e somente para mim, pois via-o de maneira diferente, como nunca antes havia visto. Decidi ir para casa. De longe já avistei a quilométrica

fila do ônibus. Enquanto isso continuava a testar minhas lentes. Era fascinante. Muito leve, quase não incomodava. E como enxergava bem. Parecia milagre. Só mesmo o alto desenvolvimento tecnológico poderia coseguir tal êxito. E aqui em São Paulo, eu obtinha facilmente as vantagens da tecnologia. Estava radiante conseguir ver ao longe, no morro, uma pequena favela, com crianças semi-vestidas, a brincarem abandonadas pelas redondeza. Mas impressionante mesmo era a construção desses casebres. Não sei como não desabava. Paredes de Papelão e compensado. A cobertura era desse material também. Não tinha resistência nem garantia alguma. Tenho a impressão que à menor ventania, tudo aquilo estaria pelos ares. Mas antes isso que nada. Já pensou morar ao relento? Hoje vejo que o brasileiro dá mesmo jeito prá tudo.

Mas o ônibus chega e embarco. Pelas ruas, na viagem, avisto uma fábrica que, pelo que aduzi, estava em greve, com os operários fazendo piquete. Não sei o que reclamavam. Como moro um tanto retirado do centro da cidade, tenho um bom percurso a fazer. Nos caminhos que o veículo traça, o asilo de São Vicente de Paulo é o mais belo edifício. Prédio suntuoso, antigo mas reforçado. Tem também o Lar Maternal Dona Dulce Sylvia, em construção menos soberba. A dois pontos de onde salto normalmente, o ônibus dá uma parada, e a boa distância de uma banca de jornais, onde, em sua lateral, o matutino estampava a manchete: "Entrou na casa, matou a família e levou tudo que encontrou". Os meus óculos custaram caro mas valeu. Enxergo tudo mesmo. De longe, de perto ou de média distância. O médico acertou em cheio. Agora sinto meus olhos como os do gavião, que parece ter os raios x em seu auxílio.

Cheguei em casa um tanto cansado. Todos gostaram do modelo do óculos. Disseram que ficou bem em mim. Agradei orgulhoso. Meu irmão experimentou-os. Achou forte. Como eu estava cansado e com fome, tratei de comer e ir logo deitar. A cama era um convite irrecusável a essa hora. Apaguei a luz e prostrei-me sobre o colchão. Logo tive que levantar. Tinha deitado com óculos e tudo. Justifica-se, não tenho costume, pois é o primeiro dia. Tirei e coloquei-o sobre o criado. Tive dificuldades em pegar no sono. O dia foi muito agitado, totalmente diferente, sendo inédito em minha vida. As imagens estavam muito vivas dentro de minha cabeça. De noite revivi o dia. Quase passei a noite em claro. Acordei no outro dia (no melhor do sono, lógico, com os chamados de minha mãe. Evidentemente estava atrasado. Voei da cama. Nem tomei café. Desapareci pelo corredor. Rapidamente tomo o ônibus e sigo.

No caminho sinto uma sensação

estranha. Fiquei preocupado. Pensei que fosse pelo fato de não dormir bem à noite e deixar de tomar café. Mas não podia chegar atrasado ao serviço, e o dia anterior fora difícil mesmo. Estava tudo diferente. Meu corpo fremitava. Sua-va frio. Tinha arrepios. Na esquadra da grande avenida não tinha mais mendigo ou trombadinha. Também durante a viagem não avistei favelas. O engraxate sumira. Bonitas casas tomavam o lugar do asilo e da creche.

Sinto melhoras no meu estado. A alegria começa a apoderar-se de mim. Já não sentia calafrios. O tremor desaparecia. Sou um homem feliz, pensava. A doença não durara muito. Estava já radiante. Em questão de minutos tinha desaparecido o mal estar. Parece até sonho, em tão curto espaço de tempo, sentir-se mal e melhorar rapidamente. Meus passos eram celestiais, etéreos. Sentia-me como no paraíso. Todos os homens estavam bem vestidos, e andavam pelas ruas ordenadamente. Também não vi nenhuma freitada brusca. Acabara a correria. Quase explodia o meu corpo.

Num instante sublime, percebi algo. Corri. Somente eu corri. Fui à ótica. Exigi a devolução do meu dinheiro. Não queria os óculos. Sem ele não via o real. Como era bom. O dinheiro não foi devolvido, mas o óculos não usei mais. Preferi continuar cego.

Rêsthomens

José Augusto da Silva

No ônibus, chocalho munido de mudos unidos, rêsthomens chacoalham surdos, perdidos nas ruas dos olhos parados, o choque dos alhos da feira, dos óleos, sacolas chacoalham, guiados chacoalham, os intermináveis buracos interminados, desvio dos galhos. Chacoalham, chacoalham moinhos internos, cacozos quebrados de sonhos, revoltas de inverno e veias geladas, inércia das paradasss. A porta se abre. Ponto.

Sobe um Zé. Entre outros tantos? Tanto Zés. E os Josés? esquecidos nas memóriaassss. A porta se fecha.

A cabeça deste Zé, fechada, chacoalha.

Recomeça o mexerremexer e rechazar de braços, sobras das marmitas, das fitas nas bolsas, dos mudos avessos. Progresso sobre sentidos, sentimentos em micro apartamento, abafado. Zé pensa. Mexe e remexe as cinzas de sua retina inata, tentado a ver o sofrimento dos que suam juntos. Soam juntas a humanização das máquinas. Ranger de bancos roçados, reclamam do peso sobre si, das ancas sobre os bancos, e o peso dos olhos arregalados. Os vidros vibram, bradam diante das caras ajaneladas de músculos rígidos, que também ataca oêsthomem. A catraca, atraca e ataca oêsthomem com seu livre tagarelar instigando-os a bater suas asas, bater, bater, intermináveis batidas em suas cabeças. E as portas com seus incessantes pedidos de silêncio, talvez em respeito a massa carnívora que se oculta. Sinal fechado.

Zé rompe em verde, sentidos chacoalham.. A chaira ameaça-lhe afiar o pensamento. No cano punhos cerrados. Seus dentes cerrados. Cerrados também seus olhos cegos de claridade. Medo de descobrir o não calar-se do medo: o silêncio. Seu coração ainda encheria. Impossível, como sempre em anos, implodir. Lançar nos rêsthomem estilhaços do seu todo. Guspír fogo aos seus ouvidos. Como pode explodir um simples Zé? Já não mais.

Instigado a bater suas asas ouve-se o cair da cor cinzenta. Multicoloridas penas. Pena dos pardais.

Guerra-paz da liberdade.

É preciso canarizar, gavotar aqueles pássaros. Qual as curvas e freadas do ônibus José assopra sobre os Zés, de súbito vento de outros ares'

— Conversas de vidros, metais, plásticos. Vidros metais, plásticos não voam. Os canários são tão lindos.

Rêsthomem inquietos. Risos. Vozes. Exclamam: "É louco! Fala de canários na terra dos pardais". É louco? Qual deles?

Visões que terminam no pelo dos cílios. Descem sem sorriso, sem palavras. Ponto final. Quem sabe um dia uma lágrima.

lágr.....

EM TEMPO

Fechávamos nossa edição quando a carta abaixo foi divulgada a toda a comunidade universitária:

São Paulo, 19 de novembro de 1981
Ilma Sra.

Prof.ª Nadir G. Kfour
Magnífica Reitora da
Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo

A APROPUC, em nome dos professores que ainda não receberam seus salários do mês de outubro p.p., da Fac. de Serviço Social, do Centro de Matemática e Física, do Departamento de Teologia, Básico e pós-Graduação sem departamento, que se reuniram no dia 18/11/1981, considera que:

— até o dia de hoje, estes não receberam o pagamento dos seus salários referentes ao mês de outubro e sequer têm notícia de quando ele será efetuado;

— esta situação, além de contrariar o mais elementar direito do trabalhador, é altamente pernicioso ao desempenho das funções acadêmicas;

Diante desta situação insustentá-

vel, agravada pela proximidade do encerramento das atividades acadêmicas, dirigimo-nos à Reitoria para:

§) Exigir o imediato pagamento dos salários em atraso e o fim dessa prática já institucionalizada;

2) Comunicar a decisão dos docentes da Fac. Serviço Social, do Depto. Teologia, e Básico e Pós-Graduação sem departamento, de paralisar todas as atividades acadêmicas desde as 12,00h do dia de hoje até que:

a) seja efetuado o pagamento integral dos salários de outubro de todos os setores mobilizados;

b) após o referido pagamento, sejam negociados novos prazos para aquelas atividades complementares às atividades em sala-de-aula e que sofreram solução de continuidade em função da paralisação.

Atenciosamente
A PROPUC

FÉRIAS NA INGLATERRA!

- 4 semanas inesquecíveis
- Apenas Cr\$ 80.000,00!
- Abatimento para grupos
- Promoção do

INTERNATIONAL
LANGUAGE CENTER

R. Vanderley, 776

(pertinho da PUC)

tel. 62.0994 — com Dilma

PERDIZES Vende-se Apartamento

Rua Homem de Mello com 2 dormitórios, living com 2 ambientes, banheiro completo, cozinha, amplo quarto de empregada com banheiro, área de serviço. Preço: Cr\$ 3.800.000,00 facilitados. Tratar com Hélio F. Guilherme, Rua Cardoso de Almeida, 788 conj. 74 fone: 263.5484 e 263.5774

CURTAS

PELAS ENTIDADES

DISPUTA, ELEIÇÃO, DISPUTA



E verdade: essas eleições para Centros Acadêmicos foram um bocadinho disputadas! Ao que parece a turma (afinal?) está a fim de fazer alguma coisa. Vamos dar alguns resultados com as respectivas fofocas. Já fica prometida uma reportagem ampla para nossa próxima edição, mesmo porque assim os calouros ficam conhecendo suas lideranças representativas.

Bom, no Leão XIII deu CHAMADO novo, com o Ingo de presidente (aliás, ele parece que gostou da dedicação exclusiva do CA, tanto assim que concorreu também pelo TODOS NO 22, do Direito). O Chama venceu por larga margem os concorrentes CANAL LIVRE e CLAREIA, que faziam uma oposição dividida (seus votos, juntos, superaram os do vencedor... só que não tem mais sublegenda!).

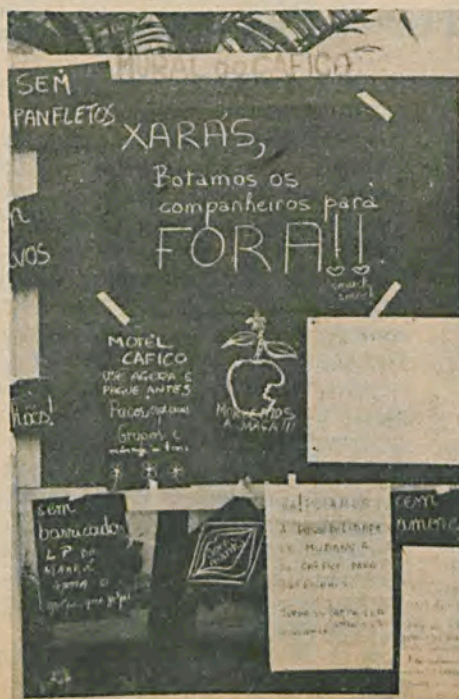
NO 22 de Agosto deu DEBATE, com Fred na presidência e venceu o TODOS NO 22 por escassos 17 votos, o que motivou o maior bafafá, pedidos de recontagem indeferidos, agressão do Márcio (da Todos) no Toron, agressão a uma menina grávida, etc. As campanhas foram milionárias, falando-se em Cr\$ 150 mil na todos e a Cr\$ 100 mil no Debate, cuja propaganda aliás muito bem bolada foi um elemento que pegou de surpresa seus adversários. O DEBATE é continuidade da gestão anterior (que não se notalizou propriamente por grandes atividades e em cuja re-eleição não se botava muita fé). No CA de Direito, a frequência foi excepcional, de quase 80% dos eleitores comparecendo às urnas. A nova diretoria já tomou posse sexta-feira, 13/11.

No CACS venceu o PASSO À FRENTE com diferença de 32 votos frente ao CORPO INTEIRO que fez uma campanha mais silenciosa, na base dos panfletos habituais do grupo, baseada no tema "contra a solidão no campus". A nova presidente do CACS é a Laura Mora, de História e propõe a reconstrução material do CA, numa temática mais voltada às condições dos cursos e pela criação da paritária em Geografia.

Nossa edição fechava quando se realizava eleições no CASS (dia 17 e

18/11 com as Chapas CHEGA MAIS, FALANDO SERIO, parece que ambas são continuidade da gestão anterior, que se rachou; no CAVB de medicina (dia 19/11 com a chapa RENASCENÇA - oposição - e CLAREANDO, continuidade); no CAE (dia 24-25/11) e no CAPSICO (onde a 10.ª secretária da entidade nos informou que "parece" que será dia 26/11 mas ainda não tem chapa inscrita).

No CAFICO a situação está - com algum favor - devagar. Numa assembleia dos alunos realizada em final de setembro, decidiu-se pela separação dos cursos, cada um formando seu CA. Só que o curso de Filosofia não sabe se quer ter um CA; o de Letras marcou eleições para 10 e 11/11 mas - devido à fraca mobilização - teve que adiá-las para ano que vem; o curso de Jornalismo faz correr um abaixo-assinado querendo sede na "ferradura", onde tem aulas e não tem previsão para eleições, já que em duas assembleias convocadas o comparecimento foi inexpressivo. Enquanto isso, nos marginais do pedaço fizeram do CAFICO seu clube.



DCE

1 - **CABARÉ TUPY:** Levando à frente a sua idéia de fazer do Salão Beta em um centro de convivência, o DCE transformou-o em um bar, onde serão feitas apresentações de teatro, cinema, poesia, música, etc. Entre os dias 11 a 14 e 18 a 21/11, as apresentações ficaram por conta do grupo Delícias da Carne, que trabalha "nessa transição de misturar cinema + show + esquetes + zorra...", como diz o programa distribuído pela PUC. Nestas primeiras atividades foram apresentados também filmes produzidos pela Gira Filmes, que está ligada ao trabalho do grupo. Correndo por fora, ou como eles preferem na "free action", o De Corpo Inteiro.

2 - **DEBATES:** Promovidos em conjunto pelo DCE e pelo CERP (Centro de Representação do Pós da PUC), sempre na sala 333: dia 12/11 "Teatro Popular na América Latina e Música Popular Latino-americana", com Cesar Vieira e Beatriz Canabrava; dia 19, "Movimento Literário na Améri-

ca Latina", com Angel Nuñez e sobre a "Casa das Américas", com Elza Lobo; dia 26, "Conjuntura Nacional e Alternativas para a Crise", com Dalmo Dallari, Matarazzo Suplicy e Rogério Lustosa (revista Princípios).

3 - **BALE DO RECIFE:** Dia 20 e 21/11 no Salão Beta apresentação desse conjunto popular de dança e no dia 22 o Lançamento do livro "Araguaia, Meu Brasil" de Itamar Correa, que em seguida fará um show.

4 - **TUCA LOTADO:** foi dia 9 deste mês, na apresentação do filme "Eles Não Usam Black-Tie". Estiveram presentes e participaram debates: Lula, Aurélio Peres, Waldemar Rossi, Beth Mendes, Cláudio Campos (Hora do Povo), Lélia Abramo e outros. A coordenação dos debates foi de Oswaldo Mendes (Folhetim). A promoção foi do DCE e do Sindicato dos Artistas e Técnicos, e segundo a Milena, contribuiu para se sentir o "papel dos universitários, ao lado dos trabalhadores e do povo brasileiro na luta pela liberdade e democracia!".

CERP

O Centro de Representação e Pesquisa do Pós - PUC promove um Ciclo de Debates e Estudos Sobre as Relações Internacionais e a Paz. Dia 11/11 discutiu-se o Conceito de Paz e dia 18 Estratégias Que Ameaçam a Paz. Dia 25 será o último encontro sobre: Formas de Dominação e Paz, com René Dreifus e Regis S. de Castro Andrade. Local: sala 333 do Prédio Novo, às 20:30 h.

AFAPUC

Dia 19/12 haverá grande festa, extensiva a funcionários e professores. Haverá missa, corais, show com conjuntos. A promoção conta com boa verba auferida de bingos e festas anteriores.

Geraldão informa que o Sindicato faz empréstimos, seguindo a tabela que está em poder da Célia, da Good. Recursos Humanos (ex-D.P.). Na última semana de novembro haverá assembleia da Associação sobre a renovação do contrato coletivo de trabalho.

Colegiados

CONSELHO ENSINO E PESQUISA

1 - **HORÁRIOS DE AULA:** O V. reitor Acadêmico recomendou aos Diretores de Faculdade que fechassem todos os horários de aula até dia 15/12, já que as matrículas estão vinculadas a eles. Mudanças posteriores complicam a vida das secretarias.

2 - **SEM SALAS:** A PUC está com déficit de 10 salas no período noturno. A utilização de salas de aula em locais próximos não está solucionando: serão feitas tentativas de racionalizar o espaço disponível.

3 - **CONTRATAÇÕES & DEMISSÕES:** A política de pessoa deve seguir as regras existentes. Assim, contratações e demissões devem ser re-

solvidas já em dezembro e não em março. Também, o processo deve começar dos Departamentos e não - como às vezes acontece - ir-se direto à Reitoria. A Vice-Reitoria sugere que seja feita uma seleção, como pré-requisito elementar para contratações de docentes. Quanto às licenças, deve estar bem claro e por escrito qual o tipo de licença solicitada e seu prazo, que deve ser informado ao professor substituto.

4 - **CURSOS DE EXTENSÃO:** Apesar da ampla discussão acerca de tais cursos, não haverá grandes modificações em 82. Mas os cursos devem nascer dos Departamentos, cujo coordenador se responsabilizará em propô-los. Os cursos dos Institutos serão apresentados diretamente à V. Reitoria Acadêmica.

5 - TÍTULOS REVALIDADOS: O reconhecimento de títulos docentes obtidos fora da PUC deverá começar com o interessado se dirigindo à Presidência do Pós que nomeará comissão que decidirá sobre a matéria, remetendo-a a seguir ao Cons. Universitário.

6. DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: sua criação foi aprovada após muita discussão acerca da localização daquele Doutorado em Educação ou em Psicologia. Enfim, venceu o argumento legal: o MEC só aprova o Programa se ele se localizar em Educação. O Conselho recomendou contudo que seja feita a integração entre as duas áreas.

7 - MAIS FILOSOFIA: O CEPE aprovou para 1983 o aumento de vagas no curso de Filosofia, com mais uma turma de manhã. Elogiou-se a Direção da Fac. pela antecedência da apresentação do pedido.

8 - INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS: O Plano de Atividades do IEE teve parecer favorável da Comissão de Ensino mas foram solicitados maiores esclarecimentos sobre os Institutos agregados ao IEE e sua integração às atividades das demais áreas da PUC, além da necessária apresentação do quadro do pessoal de que dispõe.

9 - PROJETOS DE PESQUISA: foram apresentados 44 projetos dos quais 43 foram aprovados.

Pelos Centros

RESIDÊNCIA: IMPASSE

A dra. Rudecinda Crespo, diretora da Faculdade de Medicina, afirmou ao Porandubas que a residência médica naquela faculdade vive um impasse muito sério: "Nós temos 45 alunos que fizeram R1 este ano e que deveriam fazer R2, sem o que a maioria não poderá fazer exame para especialistas. Eles têm esse direito e nós não podemos truncar a residência no meio. Acontece que a verba de que dispomos não será suficiente para pagar todos os R2 e mais os R1 que deveriam começar em 82. Por esta razão nós não sabemos quantos novos residentes poderemos admitir e o pessoal de 6.º ano está nos pressionando. Faremos uma consulta à Reitoria e ao Depto. Jurídico da PUC para ver o que se pode fazer".

MELANCÓLICO

Dia 16/11 houve um debate oficial do Centro de Ci. Humanas sobre o Projeto III. Claro, não vamos desfazer dos presentes lamentando os ausentes, mas o fato é que compareceram apenas 15 professores, sendo um de outra área (Maurício Ornellas). Contudo, os debates logo se acenderam e se apontou o caráter excessivamente jurídico do Projeto III, o que está obscurecendo as metas educacionais, o perfil da PUC. Outros ressaltaram que os Estatutos são um instrumento mais pragmático, que não se deve ficar eternamente esperando perfeição. Houve observações quanto a questões setoriais: que o P. III propõe fragmentação muito grande, o que inclusive trará uma despesa suplementar devido às inúmeras coordenações de curso, que talvez a PUC não possa arcar. Os presentes fizeram apelo para que as unidades re-discutam o P.III e para que a PUC inteira institucionalize um debate oficial em 82, em período letivo. Finalmente pediu-se que o prazo dado pelo Cons. Univ. seja dilatado para a discussão se ampliar.

CAMPUS PARANAGUÁ

1 - Corinthinha ganhou mais uma vez na Final de 81 do Campeonato de Futebol de Salão do Campus Paranaguá. Foi no dia 13/11 às 16:00 hs. Os técnicos do time foram o Prof. Luiz Carlos e o seu Clóvis da lanchonete. Agora o Corinthinha é tetracampeão.

2 - A sala dos professores está sendo reformada. Além do objetivo de melhorar seu aspecto, a reforma visa "compensar" a redução do espaço da sala. É que, recentemente no interior da sala dos professores, foram feitas mais duas outras salas para o Pós-Graduação.

3 - Desde que conquistou seu espaço no CCMFT, o grupo GIPAO, que pesquisa astronomia e óptica, tem recebido doações de teses, apostilas e reportagens da USP e da PUC. Também estão recebendo doações de livros didáticos sobre assuntos gerais para redistribuição entre pessoas carentes. O Prof. Gerard Jasniewicz do Observatório de Geneve (Suíça), em visita aos centros de pesquisa astronômicos brasileiros, tomou conhecimento do grupo e esteve com eles durante uma tarde para troca de informações. Incentivou o trabalho da equipe e comprometeu-se a enviar-lhes publicações do referido observatório.

Graças a contribuição dos alunos no fornecimento de papel, o GIPAO lançará seu primeiro boletim na Faculdade até o final de novembro. Ministraram nos dias 26/10 e 9/11 dois seminários: "Características Físicas de Nebulosas" - Sérgio de Oliveira e "Conjunção Planetária de 1982" - Teresa Cristina Grassi.

Para o 1.º semestre de 1982 está programando mais seminários, lançamentos de boletins mensais científicos e a promoção de eventos culturais, tendo por finalidade angariar fundos para aquisição de material vital à manutenção das pesquisas.

4 - O grupo "ANA EU TE AMO" trará o Grupo Curupira para uma apresentação de "Pássaro", dia 21/11 às 21:00 no anfiteatro do Campus.

PROMOVER O DIREITO

1 - **PODER JUDICIÁRIO:** conforme já anunciado, realizou-se dias 4-5/11 um Seminário sobre o Poder Judiciário, promovido pelo Centro de Jurídicas e Administrativas e pela OAB-SP. O que chamou a atenção dos organizadores foi a excelente presença, tanto do público que lotou o auditório, como da própria mesa de debates, a que todos os convidados compareceram. Dentre estas, havia Juizes, Procuradores de Estado, Conselheiros da Ordem e figuras da mais alta magistratura. Na 1ª noite tratou-se do Judiciário como Poder, sua organização, independência e garantias. Na 2ª noite tratou-se do Judiciário e Povo, imagem, assistência jurídica e dinamização. Firmaram-se posições fundamentais ao cabo dos debates que ressaltam a distância entre o Judiciário e o Povo, a falta de recursos para o PJ, a multiplicidade de tipos de justiça, a linguagem judiciária é formalista e incompreensível, o custo da justiça, a Lei Orgânica da Magistratura.

2 - **MULHER:** na semana que começa dia 23/11 as advogadas Sílvia Pimentel e Floriza Verucci encaminharão ao Sen. Jarbas Passarinho em Brasília o "Esboço de um novo Estatuto Civil da Mulher", que contou com numerosas contribuições de todo o Brasil. O Esboço pretende eliminar a situação de inferioridade a que é submetida a mulher e assim estabelecer o casal como unidade familiar capaz de agir conjuntamente perante o Direito.

Pelas Faculdades

COMUNICAÇÃO & FILOSOFIA

Na Fac. Com. Filo. foi lançado o livro "Livros de Portugal - ontem e hoje", da prof.ª Beatriz Verrini, com ilustrações de Paulo B. Monteiro. O prof. Celso Favaretto, chefe do Depto.

Filosofia participou de encontro com

seus colegas de outras faculdades na UFRJ. O Depto. Arte realizou debates sobre: "Arte, Educação, Criação", com Dinorah do Vale e "Tradução - Tradição - Transculturação" com Haroldo de Campos, João A. Barbosa e Jorge Schwartz.

APRENDER COM O POVO



Elas são a Tânia, Inês, Heloísa, Lúcia, Ecleide, Floriana, supervisionadas pela Raquel e pela Cleisa. Pois todo fim de semana vão a Parelheiros - 40 km daqui - onde trabalham no campo piloto de intervenção de serviço social. Estes estágios são obrigatórios na Faculdade mas há quem fique no setor mais do que os dois anos regulamentares.

As meninas informam que seu trabalho está voltado à assessoria das formas de organização popular: "partimos de problemas imediatos como luz, água e creche. Com o tempo vamos ampliando a problemática e o entrosamento com outros bairros". Uma questão que motivou muito o povo este ano foi a dos loteamentos clandestinos e as meninas debateram muito sobre os problemas das escrituras, as manhas das Imobiliárias, tendo até elaborado tabelas de custos. Um trabalho interessante que surgiu das bases foi a informação de um grupo de reflexão de mulheres acerca de seus problemas na família, no trabalho.

Algumas vitórias já foram conse-

guidas. Depois de 3 anos a luz chegou à favela, alguns lotes foram regularizados, especialmente depois do encontro do Movimento de Favelas com o Prefeito, dia 14/9. O teatro também é empregado como estratégia de luta, tendo sido levada a peça "Destino: São Paulo" por um grupo de Itaquera chamado "Pé Firme". Também em breve será apresentada a peça "O Diabo Feminista" (que será isso, meu Deus?) de um grupo de Osasco.

"Pessoalmente, esse trabalho modificou minha visão da realidade, das necessidades do povo. Percebi que quando se trata de luta, não há diferença cultural entre nós e o povo: claro, eles solicitam nossa colaboração e sabemos que temos algo a oferecer, a sistematizar. Por outro lado, dá pra perceber caminhos novos, alternativos, na nossa profissão. Estamos muito realizadas com esse estágio", finalizam as meninas. O único - e eterno - problema é a falta de verbas, apesar de fazerem o nome da PUC, não têm nenhuma colaboração: "a única ajuda que tivemos foi o Edêmio que aranjou algum pra gasolina".

NOVOS ARES

Na Fac. Ci. Sociais estão acontecendo inúmeros eventos:

1 - **PARITÁRIAS:** começam a funcionar nos cursos de Ci. So. e História, apesar de algumas hesitações iniciais acerca da sua função. Em Geografia o processo ainda não deslançou. Segundo o prof. Edgar, começam a surgir as contradições e que talvez se chegue a uma reformulação ampla do currículo. Nas paritárias surge tendência de re-unificar as áreas de Ci. Sociais, separadas por uma especialização que se demonstrou prejudicial.

2 - **PERFIL DO ALUNO** de Ci. Sociais está sendo levantado através de pesquisa coordenada pelo prof. Flávio. Pretende-se aplicá-la imediatamente ao formando e em 1982 se estenderá a todo o curso. PORANDUBAS divulgará os resultados a seu tempo.

3 - **AMBIENTE DE PARTICIPAÇÃO** na Faculdade através de um

sem-número de comissões. Os Diretores pretendem que os Deptos. comecem a informar suas atividades com maior frequência: informar é democratizar, moçada! Em 82 planejam-se mesas-redondas sobre temas contemporâneos. Neste momento, muitas classes estão fazendo a avaliação do curso junto com os professores.

4 - **GIOCONDA MUSSOLINI**, antropóloga, foi homenageada dia 10/11 com uma mesa-redonda com gente da PUC e USP, no Tuquinho, quando foi relançado seu livro "Ensaio de Antropologia Indígena e Caicara".

5 - **ARQUIVO DE TRABALHOS** de alunos será montado, com suas melhores contribuições. O Depto. Antropologia já iniciou trabalhos nesse sentido. Pretendia-se fazer uma revista mas (oh, céus!) falta verba. Pensa-se em alguma forma de publicação tipo apostila.

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

1 — SELEÇÃO DE PROFESSORES: dia 30/11 termina o prazo de inscrição para os candidatos à docência no Depto. Economia. O concurso constará de avaliação do curriculum-vitae, entrevista com a banca e por fim a prova didática. As 3 provas têm caráter eliminatório e a nota mínima para aprovação é de 7,0. A medida do surgimento de vagas, o Depto. fará as chamadas. O concurso tem validade de 2 anos e por decisão do Cons. Departamental da Faculdade, a banca será formada paritariamente, entre professores e alunos.

2 — ASSEMBLÉIA DA FACULDADE: Dia 5/11 realizou-se a Assembléia Geral da FEA para debater o Projeto III. Estiveram presentes umas 100 pessoas. Foram feitos vários questionamentos à estrutura prevista no P. III, como p.ex. o tamanho dos novos órgãos deliberativos; falta clareza acerca da estrutura do Básico e do Pós; quanto à possível falta de autonomia dos Deptos; a não-previsão da estabilidade para os professores. A seguir surgiram propostas, dentre as quais aprovou-se o seguinte: comissão mista (profs. alunos, funcion.) que elabore emendas ao Estatuto em vigor a fim de serem apresentadas em nova Assembléia e posterior encaminhamento à Reitoria; instalação de uma "Assembléia Constituinte" da PUC, formada por delegados de todos os setores, cujo trabalho final seria submetido a plebiscito de toda a PUC. Esta proposta será encaminhada ao Cons. Univ. pelos representantes do Centro Ci. Jurid. Admin.

3 — A prof.^a Regina Gadelha participou com 2 trabalhos do 4.º Seminário de Estudos Missionários, na Fac. Filosofia de Sta. Rosa, R.G.S. Tais seminários tratam sobretudo de Demografia Histórica.

4 — O ATUÁRIO: Dia 26/11, 21 h. haverá palestra sobre "O Atuário e suas Atividades", pelo prof. Fernando Millet de Oliveira para alunos de Contábeis.

5 — DESEMPREGO: Dia 17/11 houve debate sobre "Política Salarial e Desemprego", promovido pelo Depto. Economia. Participaram da mesa: Paul Singer, Gesner F.º, Ademar Sato e — moderador — Paulo Sandroni.

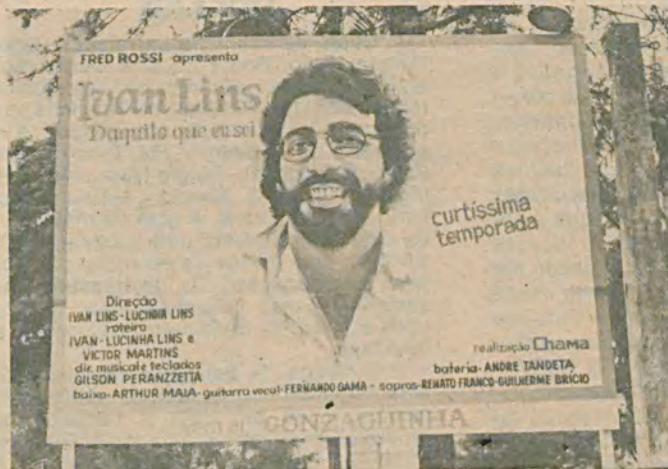
ENSAIO FOTOGRÁFICO

Criando o Universo

Comecinho de outubro. Quem passava em frente ao TUCA presenciava uma cena interessante: estava pintando um cartaz do show, ali mesmo. O pintor projetou à noite um slide sobre o painel branco, traçou o esboço e durante todo o dia seguinte, aos poucos, as cores foram brotando. PORANDUBAS documentou este nascimento. Depois fomos conversar com o "parteiro".

Seu nome é Nelson D'Orazio, tem 23 anos e está há 4 anos em S.Paulo, vindo de Rondon, no Paraná. "Comecei como pintor de painéis. Nunca tinha desenhado antes, mas aprendi o ofício, que passei a executar sozinho. Fui fazendo minhas pinturas próprias e participei de várias exposições e alguns estados. Ganhei prêmios, em minha terra, em Salvador-BA. e em Rio Claro-SP".

Nelson estuda desenho na Fac. Marcelo Tupinambá e agora está mais voltando à escultura, tendo até uma turma de 25 alunos. Paralelamente, faz pintura por encomenda, para os shows do Ivan Lins, Alceu Valença, Ney Matogrosso, Nara, Kleiton e Kledir, MPB 4, Toquinho, etc. Também fez a pintura do cenário da peça "Ópera de Malandro" e outras. Ele se realiza em seu trabalho: "quando estou pintando ou esculpindo, esqueço de tudo, extravazo meu sentimento, crio o universo".



Espalha Fato

INFORMÁTICA E EDUCAÇÃO

Em final de agosto realizou-se em Brasília o 1º Seminário Brasileiro de Informática em Educação, promovido pelo CNPq, MEC, UnB e Secr. Especial de Informática (órgão do SNI). Presentes 40 especialistas de todo o Brasil e representando a PUC foi o Prof. Fernando Almeida.

O Seminário procurou definir diretrizes políticas e pedagógicas ainda em estado inicial. Do encontro resultou um documento com algumas recomendações:

1 — O sistema de tecnologia educacional parece inevitável e pode ser bem usado. Contudo, é preciso evitar o fascínio frente à tecnologia.

2 — O computador não é substituto do professor. Pretende-se que este venha a ser liberado de tarefas mais "braçais" — como a avaliação — para desempenhar funções propriamente educativas.

3 — Que o pacote de "hardware" e de "software" seja de fabricação nacional e que venha de encomenda a solicitações de

base pedagógica e brasileira. Que as necessidades regionais tenham prioridade sobre a visão exclusiva dos grandes centros.

4 — Haverá uma comissão permanente de educadores que estabelecerá os parâmetros para o projeto.

Estas questões são discutidas mais profundamente na revista "Educação e Sociedade".

BOLSAS DE ESTUDO

A American Association of University Women oferece bolsas de estudo para mulheres interessadas em Pós ou pesquisa avançada nos EUA. São 50 bolsas todos os anos. Maiores informações na Associação Alumni, R. Visconde de Nacar, 86, Real Parque — tel. 61.2143 (o prazo foi até 15/11, mas quem sabe, tentando você consigo).

AINDA BÁSICO

Dia 20/11 teve sequência a série de debates sobre o Básico. Estiveram presentes

todas as diretoras de Centro e o representante do Centro de Sorocaba, prof. José Carlos Sobrinho. Isso quanto à mesa, cujas colocações foram "de muito bom nível", segundo o prof. Alípio. Contudo, na plateia, havia muito poucas pessoas porque o dia era inteiramente inadequado e fora solicitado por pessoas que — afinal — não compareceram.

Segundo Alípio ficou claro o contraste entre os Centros de Monte Alegre e o Centro de Matemática e Física, quanto à concepção de 1º Ciclo, de profissionalização e da relação entre universidade e sociedade. Quanto a Sorocaba, apresentou sua nova curriculação e a visão de saúde que a rege. Nesse novo currículo pretende-se adotar uma estrutura vertical para as matérias do Básico, que seriam assim distribuídas ao longo do currículo.

No Básico dos Centros da Monte Alegre ainda permanece a dicotomia entre disciplinas comuns e profissionais, que o aluno vê como dois blocos separados e cuja produtividade — das comuns — se perde por falta de continuidade num curri-

culo excessivamente tecnicista. Este mesmo aluno sofre o impacto ao se defrontar com o Básico, já que sua expectativa é ir logo exercendo a profissão sem se preocupar com uma visão mais ampla. Assim, o Básico se torna um "adiamento". De concreto, surgem propostas de maior integração curricular. Por outro lado, o Centro de Matemática pretendia dissolver algumas matérias básicas em prol de uma decidida inserção do aluno no currículo específico.

COMUNICAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

O pessoal da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicadores) em Florianópolis e voltou entusiasmado. É bom que o fogo permaneça porque o congresso de 82 será aqui, dia 28/10 a 2/11. O tema será "Comunicação e Direitos Humanos" e espera-se 3.000 participantes.



CURTAS

SEGRAC TREINA

Dias 10 e 11/11 a SEGRAC ficou fechada. Greve de novo? Não, calma. É que todos os funcionários, do chefe ao boy fizeram um treinamento, de resto considerado prioritário pela Reitoria, embora tenha sido uma proposta dos próprios funcionários. Uma equipe de professores (Elinei, Ciampa, Célia Abreu, Célia de Sancti, Ana Leandro e Nicola) colaborou gratuitamente. O fechamento do setor causou alguns transtornos, nas eleições do CAS Leão XIII e 22 de Agosto, relativo a alunos em situação irregular que não constavam nas listas de votação.

O treinamento começou com uma socioanálise, que visou a produzir um "desbloqueio" na turma. A seguir fizeram-se inúmeros jogos em grupos no sentido de se analisarem relações de cooperação-competição e procurando-se colocar na função que outros exercem (especialmente as de chefe-subordinado). Segundo a profª Cleide, o jogo que teve maior resultado foi o "jogo da torre" em que 2 participantes eram vendados e um dirigente ia orientando a formação de uma torre com palitos de fósforo e aí se trabalhou interdependência, processo de comunicação, etc.

Ao final houve uma plenária e mais uma vez ficou patente que os problemas vão continuar enquanto não encontrarem soluções as questões do espaço físico, a reconquista de confiança entre chefia e subordinados. Outra questão importante é o estabelecimento de tarefas por níveis e de regras claras para o sistema interno de promoção. Funcionários com quem conversamos declararam-se satisfeitos com o resultado, embora ressaltem esperar muito é do encaminhamento das questões nas comissões já existentes.

Profª Cleide ressalta que devido ao crescimento da PUC nos últimos 11 anos, a situação do funcionário se modificou, seja o relacionamento, seja o próprio tamanho dos setores. Surge muita competição entre os setores, devido ao desconhecimento. Cleide defende a extensão do treinamento a todos os setores da PUC. Enfim, ela mostrou-se atenta à necessidade de dar uma sequência a esse trabalho, para sistematizar e chegar a conclusões comuns.

FUTEBOL: POR POUCO!

O time de futebol de campo da PUC foi o 2º colocado no Torneio Inter-Universidades promovido pelo Centro de Práticas Esportivas da USP. O jogo decisivo aconteceu no dia 3/11 e segundo o professor Dilofredo, foi muito bom: "embora tenhamos perdido para USP por 3 a 2, o segundo lugar foi uma vitória, pois concorreremos com mais 8 times, de outras Universidades. Além disso, fizemos poucos treinos, enquanto a USP, por exemplo, treina durante o ano todo, duas vezes por semana".

O time que conquistou a taça que está aí em cima foi: Eder, Pierre, Pirani, Silvinho, Duque, Loureiro, Maurílio, Claudinho, Marquinhos, Maurício, Lula, Flávio, Barela, Guaxupé, Sony, Persio, Celso Goldem e Luiz Vale.

Já no vôlei feminino, em que a PUC também tinha esperanças, ficou em 4º lugar, porque muitas atletas não apareceram ao último jogo da semi-final. Conclusão: perderam por W.O. e não puderam ir à final. O Dilofredo, o Kan (treinador) e as atletas que apareceram ficaram muito contentes! O time de vôlei da PUC é formado por: Marcia F. Silva, Sandra Chiapero, Vera Lúcia Wada, Sonia, Priscila, Leda Marta e outras, menos assíduas.

Está sendo estudada a possibilidade de se fazer uma excursão ao exterior, com o

time de futebol de campo. Nestes casos, normalmente, o país que envia o convite se responsabiliza pela estadia e alimentação, ficando a cargo dos atletas e talvez da PUC, as despesas com passagens.

Pensa-se também uma forma de compensação aos alunos que participaram das várias seleções da PUC, pois até agora o pessoal está pondo dinheiro do próprio bolso para representar a Universidade em competição.

Quanto à participação das equipes de várias modalidades em outras competições, ela seria mais frequente e teria maiores sucessos se a PUC dispusesse de um professor para treiná-las. Quem sabe se no ano que vem se consegue isso.

CASEMIRO DE VOLTA



No final do ano passado o Prof. Casemiro sofreu um aneurisma cerebral e durante quase um ano lutou pela vida, que se está revelando mais forte. Tanto assim, que ele está retomando aos poucos algumas atividades aqui na PUC. PORANDUBAS foi ouvi-lo: "Durante esse tempo senti muita saudade. Para quem passou tanto tempo na PUC, ficar afastado dela é como perder parte do passado. Estou contente ao ver que a PUC continuou seu desenvolvimento: trata-se de uma universidade muito criativa, sempre em transformação. Quando tive que sair daqui, começavam os primeiros passos na democratização: agora já estão aí quase todos os dirigentes eleitos, o que representa grande transformação até para a Universidade Brasileira.

Estou há 2 meses re-aprendendo a PUC, suas aspirações, discernindo o que é estrutural, do que é ocasional. Essa hierarquia de prioridades reprodutivas é importante porque — como tudo o que é sério no Brasil — temos um obstáculo permanente, que é a escassez de recursos."

Casemiro pretende continuar na docência e também, enquanto Vice-Reitor, vai procurar ampliar a democratização, ampliando informações para as decisões a serem tomadas, buscando o consenso — se possível. Ele manifesta confiança quanto ao Conselho de Administração e Finanças, a ser criado em breve: "espero que ele seja o foro próprio das discussões sobre questões de finanças, em que a comunidade será informada sobre nossas necessidades financeiras para poder dar resposta a seus problemas. A partir desse Conselho virão os planos para a Reforma Administrativa e também para uma gerência mais tranquila de serviços na PUC."

Acerca das possibilidades de democratização interna, Casemiro cita Tristão de Athyde, segundo o qual "é impossível uma universidade livre em estado escravo". Casemiro não entende a liberdade da PUC num sentido de usufruto próprio mas num compromisso com a libertação da sociedade: "isto se faz ampliando e difundindo o conhecimento. Esta é a função política da universidade dentro da sociedade".

EDUCAÇÃO POPULAR

O NEC realizou um encontro vitorioso sobre Educação Popular, durante 8 dias, com a participação de 100 pessoas, que ao final do encontro levantaram pontos de avaliação. Ficou decidido que o IEE vai elaborar publicação do material do encontro. Estão sendo preparados encontros que centralizem e distribuam informações na área de Educação Popular.

Dentro de uma nova sistemática de trabalho, o NEC está promovendo encontro em torno de solicitações específicas. Desta forma, na 2ª quinzena de novembro será realizado encontro sobre "grupos operativos", interessante experiência de dinâmica de grupo nascida na Argentina. Também por solicitação de paróquias, estão sendo formados grupos de assessoria na área de alfabetização de adultos e — em conjunto com a DERDIC e Centro Educação — cria-se outro grupo na área de saúde escolar e pré-escolar em Cotia.

QUESTÃO CARCERÁRIA

Os participantes dos seminários sobre a questão carcerária, tiraram como propostas finais do Simpósio:

1. O envio de uma Moção de Solidariedade a Jacareí;
2. Recomendar um estágio nos cárceres para juizes, promotores, voluntários, técnicos e outros;
3. Conseguir que sejam aprovados Conselhos Fiscalizadores da Comunidade com poderes amplos de controle sobre os presídios;
4. Inclusão da questão carcerária nos programas dos partidos;
5. Levar a problemática às bases, conscientizando-a e para que assuma a ótica da questão carcerária a partir do oprimido;
6. Realizar novos debates sobre o problema das prisões;
7. Que a questão carcerária faça parte das disciplinas curriculares das Faculdades de Direito;
8. Que se promova também nos Centros Acadêmicos de Direito a campanha "Adote um Preso";
9. Que a Arquidiocese promova um Dia ou uma Semana do Encarcerado;
10. Que se promova uma campanha no sentido de se desmistificar o preconceito de que a maior parte da população encarcerada é composta por negros;
11. Que se desenvolva mais trabalhos junto ao egresso das prisões, auxiliando-o e conscientizando-o dos problemas que lhe são inerentes;
12. Que seja abolida a Lei de Segurança Nacional;
13. Que se faça uma Moção de Repúdio aos programas e à imprensa que ofendem a dignidade e os direitos humanos;
14. Que se crie uma Pastoral Carcerária;
15. Que se repudie o foro privilegiado concedido às PMs;

Estas são algumas das propostas e conclusões tiradas no último dia 29/10. Foi formada também uma comissão que tratará o encaminhamento dessas e outras questões. Os organizadores do Simpósio (A Comissão de Direitos Humanos, o IEE e o Centro de Ciências Jurídicas da PUC) pensam agora em editar e divulgar todo o material levantado e discutido durante os seminários. Maiores informações no Instituto de Estudos Especiais, PUC, ramal 343.

URPLAN

1. Curso de extensão universitária sobre "Urbanização, Poder Local e Democracia: política urbana alternativa", às quintas-feiras, das 20 às 23 horas, no Tuquinho, com debates com líderes de comunidade, e exposições de Vicente e Plá Trevas, Pedro Paulo M. Branco, Sérgio Avancine, Tullo Vigevani, Nabil G. Bonduki, Milton Campanário, Lúcio Kowarik. A taxa de matrícula é de Cr\$ 2.500,00 mais uma parcela de Cr\$ 1.500,00, com bolsas de estudo concedidas pela coordenação. Os interessados em assistir apenas algumas das sessões poderão fazê-lo, mediante pagamento de uma taxa.

2. O Grupo de Educação Popular (GEP) está elaborando uma série de publicações, sempre tendo em vista a temática dos grupos e movimentos populares. Com respeito aos Cadernos do Trabalhador, estão sendo preparados mais alguns números especiais referentes aos temas: Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e Movimentos de Bairro.

TESES

23/11 — 14 hs. — Líliliana Segnini — (Administração) — "FERROVIA: FERROVIÁRIOS: UMA ANÁLISE DO PODER DISCIPLINAR NA COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO" — orienta: Maurício Tragtemberg

24/11 — 15,30 hs. — Rozane Helena Rodrigues Rojo — (LAEL) — "O USO DO ADJETIVO COMO MEDIDA DE MATUREZADE LINGÜÍSTICA" — orienta: Mary Kato

26/11 — 14 hs. — Rosalie Gallo y Sanchez — (LAEL) — "DIFICULDADES DE ESCRITA PARA RECÉM-ALFABETIZADOS" — orienta: Mary Kato

27/11 — 9 hs. — Carmem Sylvia Aranha — (Dout. em Psicologia) — "A ARTE VISUAL NA SALA DE AULA" — orienta: Joel Martins

02/12 — 13,30 hs. — Eliana Fochi — (Com. Semiótica) — "A POÉTICA NARRATIVA DE PRIMEIRAS ESTÓRIAS — UMA LEITURA DE TENSÃO ENTRE SUBSTRATO E LINGUAGEM DA FÁBULA" — orienta: Flávio Kothi

01/12 — 14,00 hs. — Maria Cecília Silva — (Dout. em LAEL) — "ORAÇÕES RELATIVAS: DIFICULDADES NA PRODUÇÃO ESCRITA" — orienta: Mary Kato

04/12 — 14 hs. — Lillian Anna Wachowicz — (Dout. Educação) — "A RELAÇÃO PROFESSOR-ESTADO — Estudo da Política elaborada para o magistério no Paraná de 1853 a 1930" — orienta: Dermeval Saviani

09/12 — 15 hs. — Ingedore Koch — (Dout. Ling. Portuguesa) — "ASPECTOS DA ARGUMENTAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA" — orienta: Anna Maria Cintra

11/12 — 9 hs. — Maria Jurema Carvalho (Psic. Educação) — "O PROFESSOR ESTADUAL: UM VALOR AMEAÇADO — ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE ENSINO E ASSOCIAÇÃO DE CATEGORIA PROFISSIONAL DO PROFESSOR PAULISTA" — orienta: José R. Malufe

BENVINDOS À VIDA

31/7 — Danilo, filho de Rosilene P. Gama (SEGRAC)

18/9 — João Luis, filho de Maria Alice e Renan Lotufo (Direito)

24/09 — Pedro, filho de Vera Regina V. Teixeira (Centro de Educação)

30/9 — Joana, filha de Priscilla Abbas (Ciclo-Básico)

05/10 — Sandra, filha de Raimundo Amaro Ribeiro (TUCA)

07/10 — Daniel, filho de Renilda Felix de Goody (Limpeza)

12/10 — Alexandre, filho de Rodney Franco de Lima (SEGRAC)

QUARTO GRATUITO

"Somos 2 professoras da PUC e temos uma vaga disponível, perto da PUC. A pessoa interessada poderá também participar proporcionalmente das despesas com alimentação. Em troca do quarto gratuito o (a) interessado (a) daria algumas horas como baby-sitter, à noite.

Procurar MARISA ou MARIJANE na cadeira de Metodologia Científica, no Básico, ramal 312".

ROUBADOS & PERDIDOS

1 — Na sala de professores de Problemas Filosóficos e Teológicos, do Básico foi roubado um gravador e mais doze fitas (duas das quais pertencentes ao PORANDUBAS). Atentado Teológico? dá excomunhão...

2 — Claudia Silva, do Direito, deixou sua mochila num armário do CACS e ao voltar, duas horas depois, já não encontrou mais nada, a não ser um lençol e alpargatas, que talvez não servissem para o ladrão. Ela foi representante no Congresso da UNE. Atentado político?

3 — Na falta de Diretoria, de um último que ao sair apague a luz, o CAFICO está sendo ocupado pacificamente por pessoas estranhas à PUC. Afinal, o povo na universidade?

4 — A Luiza, aquela da exposição de Batik, pede que — se alguém encontrou os óculos dela no Pátio da Cruz — deixe-os na redação do PORANDUBAS (aliás, roubaram também num Batik da exposição).

5 — Uma noite ai entraram na Reitoria e levaram um rádio, calculadora e um par de tênis. Não se respeita mais a hierarquia!

6 — A Diretoria do CAE proetesta veemente contra a 3ª invasão do ano no CA. Foram roubados 25 bolsas, 40 carteirinhas, um rádio, num prejuízo de Cr\$ 30 mil. "Mais uma vez nosso espaço livre foi desrespeitado e violentada a nossa autonomia de Centro Acadêmico". A Diretoria do CAE levou o fato ao conhecimento da Ass. Administrativa e da Reitoria e repudia a falta de segurança no campus exigindo medidas enérgicas para que tais fatos não se repitam.

COMPOSIÇÃO IBM

(eletrônica)

Fazemos composição de livros e textos

CETEC

Rua Bartira, nº 407 (ao lado da PUC)

Fone: 62.2339